



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ECOCIBERPRAÇA:
A RECONFIGURAÇÃO E OS ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS DA PRAÇA
PÚBLICA EM PARINTINS

SUZAN MONTEVERDE MARTINS

MANAUS

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

SUZAN MONTEVERDE MARTINS

ECOCIBERPRAÇA:
A RECONFIGURAÇÃO E OS ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS DA PRAÇA
PÚBLICA EM PARINTINS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Vieira Monteiro

Apoio financeiro: FAPEAM

MANAUS

2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M386e Martins, Suzan Monteverde
 Ecociberpraça: a reconfiguração e os ecossistemas
 comunicacionais da praça pública em Parintins / Suzan Monteverde
 Martins . 2017
 65 f.: il.; 31 cm.

 Orientador: Gilson Vieira Monteiro
 Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) -
 Universidade Federal do Amazonas.

 1. Praça. 2. Ecossistemas. 3. Comunicacionais. 4. Parintins. I.
 Monteiro, Gilson Vieira. II. Universidade Federal do Amazonas III.
 Título

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antônia e Ilmar, cujo amor e respeito permitiram que eu me desenvolvesse sem gaiolas, enquanto sujeito, indivíduo e ser humano. Tenho certeza de que minha autonomia e independência são resultantes de nosso vínculo de carinho, confiança, amizade e admiração. Sei que esse resultado também é de vocês.

SUZAN MONTEVERDE MARTINS

*“ECOCIBERPRAÇA:
A RECONFIGURAÇÃO E OS ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS DA PRAÇA
PÚBLICA EM PARINTINS”*

Área de concentração: Ecossistemas Comunicacionais (CSAI)

Linha de Pesquisa: Redes e Processos Comunicacionais

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilson Vieira Monteiro

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Wilson de Souza Nogueira

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

Instituição: Universidade de Caxias do Sul (UCS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço fundamentalmente a meu orientador, Dr. Gilson Vieira Monteiro, pela paciência em me orientar nesta pesquisa e por me apresentar o que é pensar de forma ecossistêmica.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da UFAM em Ciência da Comunicação, por todo o aprendizado e sabedoria desenvolvida ao longo desses dois anos e meio de longa e intensa formação.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – Fapeam pelo financiamento.

Agradeço a todos os mestres que cruzaram meu caminho em todas as formas de manifestações, durante as aulas, seminários, palestras, congressos, e-mails, etc. Sem seu apoio, dedicação, paixão pelo ensino e acúmulo de conhecimento minha formação jamais seria a mesma, aqui em especial, Mirna Feitoza, Maria Emília Abbud, Ítala Clay, Walmir Albuquerque e Renan Freitas Pinto. Muito obrigada!

Agradeço de todo o meu coração à minha família, que foram meus alicerces para atravessar essa longa batalha até atingir a superação profissional e pessoal rumo à conquista de uma imensa vitória e realização de um projeto de vida, ênfase para minha irmã Ilmara Monte Verde e meu cunhado, David Ramos.

Agradeço aos amigos e colegas que fizeram diferença nesse trajeto, porque sozinha não conseguiria. Gratidão os amigos de mestrado, Helder, Adriano, Beatriz, e os da vida, Ádria e Jhunion por todo apoio.

Agradeço aos colegas de trabalho do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Roraima e da Universidade Federal do Amazonas (Manaus e Parintins) pela paciência e auxílio com minhas idas e vindas. Todos os funcionários, em todos os departamentos, que de alguma forma se mostraram grandes auxiliares para resolver situações que sozinha não conseguiria.

A todos, o meu muito obrigada!

*Quem foi que disse que eu não chegava,
se a minha meta era de chegar,
ora não sai primeiro,
mas chegar já é vencer
eu posso me orgulhar,
Quem foi que disse que eu não vencia,
com a força de vontade minha de vencer
mesmo sendo por mania,
completar a minha parte era meu dever*

(A Chegada, Chico da Silva. Músico e Poeta Amazonense)

RESUMO

Esta dissertação desenvolveu uma análise sobre novas dinâmicas sociais no espaço, Praça Pública, e seus processos comunicacionais. O objetivo principal foi compreender a reconfiguração da praça e suas intermediações, mas relações sociais em Parintins, a partir da trajetória balizadas nas relações entre usuários, acesso à internet e as praças; configuração desse campo relacional, por meio de vivências em praça chamada, Praça da Liberdade. Como opção teórico-metodológico, foram seguidas as orientações propostas por Colferai (2014), Monteiro (2011), Pereira (2011), Morin (2002), Segawa (1996), Santos (1997), Maturana e Varela (1995), dentre outros, explorando os conceitos de ecossistemas comunicacionais, a natureza das praças, as redes e suas ligações. De cunho qualitativo, esta pesquisa foi realizada com base em estudo de caso, por meio da combinação entre levantamento bibliográfico, pesquisa exploratória e de campo, com observação (quase) participantes e relatoria das observações. A conclusão abre o leque para observação do fenômeno a partir do conceito de Ecociberpraça, a praça Amazônica com acesso à internet e esboça a figura do fenômeno visto como Ecossistema Comunicacional, a partir do espiral. Assim, visualizando o objeto da pesquisa por operadores do pensamento complexo norteados por Morin (2004)

Palavras- Chave: Praça, Ecossistemas Comunicacionais, Parintins.

ABSTRACT

This thesis has developed an analysis of new social dynamics in space, Public Square, and their communication processes. main objective was to understand the reconfiguration of the square and its ups, but social relations in Parintins, from the path marked out in the relationship between users, Internet access and squares; Setting this relational field through experiences in call square, Praça da Liberdade. As theoretical and methodological option, proposed guidelines were followed by Colferai (2014), Monteiro (2011), Pereira (2011), Morin (2002), Segawa (1996), Santos (1997), Maturana and Varela (1995), among others, exploring the concepts of communicational ecosystems, the nature of the markets, the networks and their links. A qualitative approach, this research was based on case study, through the combination of literature, exploratory research and field observation with (almost) participants and reporting of observations. The conclusion opens the range to phenomena of observation from the concept of Ecociberpraça, the Amazon square with internet access and outlines the phenomenon of figure seen as Comunicacional ecosystem, from the spiral. Thus, viewing the object of searching for complex thinking operators guided by Morin (2004)

Keyword: Square, Ecosystems Communicative, Parintins.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1. Foto do Alto Relevo da Praça da Liberdade.</i>	<i>47</i>
<i>Figura 2. Foto do Alto da Praça da Liberdade, evento Natal.</i>	<i>53</i>
<i>Figura 3. Esquema do Ecossistema Comunicacional, Praça da Liberdade.</i>	<i>56</i>
<i>Figura 4. O Ecossistema Comunicacional em movimento, a Ecociberpraça.</i>	<i>56</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: CAMINHOS DA PESQUISA.....	12
2.1 A PRAÇA ECOSSISTÊMICA E SEU ESTUDO DE CASO	22
3. RECONFIGURAÇÃO DA PRAÇA: UMA VISÃO ECOSSISTÊMICA.....	25
. 3.1 ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS	30
4. A PRAÇA E SUAS APROXIMAÇÕES COM A CIBERCULTURA.....	35
5. CONEXÃO PARINTINS: A CIDADE, O ACESSO A INTERNET E A PRAÇA	41
6.1 Percurso metodológico para analisar a rede de relações da Praça da Liberdade....	47
6.2 Procedimentos para coleta de Dados.....	50
6.3 A ECOCIBERPRAÇA: O ESPIRAL ECOSSISTEMA COMUNICACIONAL.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

A compreensão da reconfiguração das relações sociais nos espaços coletivos a partir da conexão com internet gratuita sob o olhar da complexidade e na dimensão dos ecossistemas comunicacionais são enfoques neste trabalho. Há inúmeras discussões na contemporaneidade sobre os processos comunicacionais que habitam o, cotidiano como as “smart cities” ou cidades inteligentes, a ameaça da internet às relações humanas, a inclusão digital, o fator referente a internet das coisas - relativo aos objetos começarem a conectar entre si no ambiente -, a vigilância das mídias na retenção de informações dos usuários, visto que essas temáticas esbarram e aguçam a releitura de conceitos relativos à vida social, suas relações e suas formas de comunicação.

Essa discussão advém de um conjunto de ações que se preocupa com as relações empregadas pelos indivíduos em tempos de mídias digitais e massificação das redes sociais on-line, ou seja, a mídia digital interativa, a convergência entre o social e técnica permite uma relação mais prazerosa.

Os espaços coletivos nas cidades passam por mudanças de forma rápida, de acordo com a sua forma de utilização e exploração, por meio da demanda humana em que o habita. A vida social desencadeia com o passar do tempo e das pessoas outros ambientes que se constroem nesses espaços coletivos, que são vivenciados ou compartilhados através de nossos dispositivos móveis. Enquanto vagamos na cidade, produzimos e reproduzimos, simbologias, registros e compartilhamentos criando inter-relações comunicacionais. Dificilmente podemos sair de casa sem nosso celular ou sem registrar algo que nos chamem atenção nas ruas. A praça é envolvida nesse cenário, por ser um espaço coletivo formalmente difundido, que com o passar dos tempos ganha inovadora atenção após criação dos territórios com Wi-Fi, livre para conexão com internet.

Ao incorporamos essa articulação, lembramos que os ecossistemas comunicacionais procuram compreender os fenômenos comunicativos sem separar o ser humano, a natureza e as mídias digitais. Estabelecendo assim, um ecossistema comunicacional, como uma metáfora à biologia, ou seja, inter-relacionando os seres vivos, o ambiente, os aparatos tecnológicos e sua a cultura.

A praça enquanto espaço coletivo, ambiente da pesquisa, é constituído por diversos segmentos de usuários como território de encontro, lazer e de acesso à internet, ao qual proporciona experiência de interconexão com diversos dispositivos. Com essa premissa, o texto recorrente faz parte da inquietação da pesquisadora sobre essa demanda de acesso

gratuito internet na região Amazônica, mais precisamente no município de Parintins, buscando responder as seguintes questões: Quais as redes de reconfiguração estabelecidas na praça da cidade na contemporaneidade? Como se estabelecem os processos de apropriação das tecnologias e como elas se inserem cotidiano da cidade?

Logo, a praça configura-se como espaço livre e público desde os primórdios com a intenção de reunir as pessoas, ser espaço de convívio social, inseridos da rede urbana como elementos de organização da circulação e de amenizar pública para espaços de área livre, contendo em sua maioria cobertura vegetal, bancos, canteiros, mobiliário lúdico ou regional. Acredita-se que a praça, por meio da sua estrutura, processo e dinâmica ao ser contemplada com redes de internet gratuita agrega uma nova dimensão complexa de relações, ao passo que podem ser vistas como ecossistema comunicacional pelas relações dispostas em movimento e compreendidas por meio da teoria da complexidade.

A escolha deste assunto se deu por uma série de fatores com ordens múltiplas em que consideramos a inquietação da pesquisadora, a contribuição dos estudos sobre redes e processos de comunicação na Amazônia, bem como, o fenômeno visto em movimento e em relação com a natureza. Além disso, essa dissertação é um desdobramento de pesquisas que impulsionam os encontros e discussões do Grupo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, Informação, Design e Artes (Interfaces), que há mais doze anos debruça-se sobre estudos que envolvam comunicação para e na Amazônia. Tenta-se, assim, avançar em relação aos resultados alcançados, demonstrar o amadurecimento na relação grupo de pesquisa e seus entrelaços.

O Interfaces denomina essa disposição de Mídias Digitais, por perceber o uso dos dispositivos móveis em movimento, principalmente no cotidiano, aqui disposto o Amazônico. Esse olhar reconfigura o campo dos estudos das ciências da comunicação e demais ciências, a partir de provocar análises de proposições e perspectivas interdisciplinares. Tal fato está inserido em não deixar de lado a visão cartesiana/newtoniana de estudo, mas, caminha ao lado de pesquisas em que diversas perspectivas possam se unir, como por exemplo, a Teoria da Complexidade, de Edgar Morin.

2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: CAMINHOS DA PESQUISA

São os rios em sua diversidade de traçados, alguns sinuosos e incertos, de águas multicolores e regimes irregulares em duração e extensão, que comandam a vida na Amazônia (TOCANTINS, 2000).

Viajar de barco de recreio¹ e observar o fortuito desespero por tomadas livres. Ouvir o rádio e perceber os recados direcionados aos ouvintes internautas. Ver outdoor espalhados pelas ruas com endereço de mídias digitais em destaque. Vagar pela cidade e verificar que a praça da escola é ocupada por grupos com seus tablets, smartphones e computadores portáteis, ao qual antigamente na memória estavam aliadas as conversas no banco, lembranças do debruçar sobre a grama e esperar o horário de pegar a bicicleta e voltar à minha casa. A cidade, a praça e suas mudanças era o traço que mais chamava atenção entre todas aquelas observações. De que forma eu enquanto jornalista/pesquisadora poderia analisar esse fenômeno que me intrigava? Como eles ressignificavam as relações e essas novas dinâmicas comunicativas? Que espaço era aquele, que ora era físico, ora de fluxo ou virtual?

Esses questionamentos foram propulsores para execução dessa pesquisa, unida a ação dos primeiros passos da leitura de O rio comanda a vida, do ensaísta paraense Leandro Tocantins. Nela havia encontrado uma motivação para estabelecer inter-relações dos saberes científicos com outros saberes, entre eles, os saberes tradicionais amazônicos: ribeirinho, indígenas, para entendermos a complexidade da região. É na adolescência que o autor encaminha suas preocupações, trabalhadas sobre formas de narrativas poéticas dos acontecimentos em seus livros e pontuadas nos escritos com a riqueza do regionalismo em prospecto com o mundo, sem falar nesta metáfora com o rio que flui, que recorre e determina os pensamentos sociais e políticos das populações. Vislumbramos que essas observações reiteram o sentimento da nossa caminhada, a partir do olhar sobre a Amazônia com a tradução de quem mora, movimentasse e vive.

A Amazônia inserida em um país que avança economicamente a passos largos, as tecnologias da comunicação estão cada vez mais difundidas. O potencial de uso desses novos meios de comunicação a favor das inter-relações vai tornando-se mais claro, especialmente

¹ Barco que faz o percurso entres cidades cujo leito dos passageiros são redes.

em tempos de mídias sociais. Mas essas considerações gerais não podem sozinhas responder às perguntas iniciais. Para que elas possam ser respondidas, o presente trabalho cobrirá um percurso no cenário: a configuração da praça e sua reconfiguração em tempo de novas mídias.

O meu olhar sobre a Amazônia é autóctone, de alguém que só ao final dos anos de faculdade pôde conhecer outra região. Sou uma jornalista formada na cidade de Parintins (AM), nasci e vivi por vinte e três anos em Parintins, uma ilha localizada à margem direita do Rio Amazonas, a 375 quilômetros de Manaus (em linha reta), a leste do Amazonas conhecida como vitrine do estado pela festa dos bois Garantido e Caprichoso e que hoje mora em uma outra Amazônia, mais para o Norte, no caso o Estado de Roraima. A motivação por esta área de atuação profissional está relacionada ao Boi Bumbá como produto midiático e sua relativa exploração como promoção de visualidade da nossa região, bem como, o papel social que o comunicador exerce na sociedade. À medida que lia sobre a região nos veículos de comunicação aguçava também o olhar de redescobrir os porquês daqueles clichês pontuados, como: a ilha dividida em duas paixões, a invenção da Amazônia, paraíso perdido, inferno verde e etc. O primeiro contato com a pesquisa científica foi na graduação em Educação Física e, posteriormente, no curso de Comunicação Social, ambos realizados em Parintins, e nos programas de iniciação científica, financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).

Foi a partir desses contatos que senti o gosto por redescobrir e compreender mais a minha região e por que não dizer: a mim mesma. Com o desenvolvimento de pesquisas ainda em um estágio primário, pude participar de congressos, simpósios, pesquisas colaborativas e fomentar conhecimentos.

Com essa experiência seria natural que continuasse a caminhar por esse ponto de vista e questionar os processos comunicacionais do entorno da minha convivência. Foi a partir de 2007, no início da faculdade, que comecei a observar os processos de reconfiguração dos espaços e das relações das pessoas a partir das interconexões digitais.

Observei que essa opção da praça com a conexão de internet reconfigurou o cotidiano da cidade, seus interesses e suas articulações de convivência. No começo, a novidade estava vinculada aos computadores portáteis e uma senha no servidor local. Esse serviço era oferecido pela iniciativa do Ministério das Comunicações, com o projeto Cidades Digitais, que escolheu Parintins como uma das 14 cidades brasileiras que receberiam o projeto-piloto de solução wireless. A iniciativa propagou o sinal de acesso gratuito de internet para população em espaços abertos, chamados “praças digitais”. O atendimento

preferencial a essa localidade se deu pelas características dispostas em edital, por ser uma cidade com características sociais, econômicas e culturais voltadas para o turismo, a polarização de negócios e o ensino, bem como, o índice de vulnerabilidade social. Com a experiência e o término do projeto, o executivo municipal prosseguiu com a conexão Wi-Fi² livre. Essa tecnologia permitiu, para população, o uso de outros dispositivos móveis, tais como os smartphone e tablets e novas experiências de conexão.

A mudança em questão despertou o desejo de continuar as minhas pesquisas, porque atizou as dúvidas e me estimulou a entender esse fenômeno e a tentar redescobrir aquilo que imaginava conhecer plenamente. Tal inquietação encontrou abrigo no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), instituição que já havia trabalhado como professora substituta no campus de Parintins. Apresentei, inicialmente, uma proposta de estudo sobre tecnologias de comunicação e informação no ambiente rural pelo olhar da teoria recepção, mas, aos poucos, esse projeto veio a ser readaptado no decorrer das disciplinas. As leituras orientadas pelo PPGCCOM/Ufam ampliaram o meu olhar para outras formas de compreensão dos estudos comunicacionais.

As ideias da teoria da recepção, as experiências das primeiras pesquisas e o contato com o primeiro computador portátil, em 2007, deram sentido as minhas inquietações traduzidas em novas perguntas. Nas leituras e atividades do Mestrado, as ideias da recepção se juntaram às teorias dos sistemas, por meio da perspectiva dos ecossistemas comunicacionais; logo, os ambientes rural e urbano passaram a ser compreendidos em inter-relação. Assim, o objeto desta pesquisa –configuração e reconfiguração dos entrelaços – no espaço público praça, encontraram sentido ecossistêmico na compreensão da indissociabilidade entre o homem e a natureza.

Esta proposta de pesquisa aborda a perspectiva ecossistêmica, a partir da comunicação pensada de modo semelhante aos sistemas vivos, e, por isso, consideram-se abertos aos fluxos ambientais e suas complexidades. Por exemplo, essa nova interconexão formam um sistema-ambiente que se relaciona com outros sistemas-ambientes, como aqueles gerados das motivações ou necessidades econômicas, culturais, políticas, existenciais etc. Assim, as partes se relacionam com o todo e o todo com as partes: o local torna-se às vezes global e o global às vezes local. A internet, nesse caso, pode sintetizar a interconexão em

² Wi-Fi é o nome dado ao padrão IEEE 802.11b ou 802.11a que utiliza tecnologia de transferência de dados via ondas de rádio para conectar redes locais sem fio (Wireless LAN). Uma rede Wi-Fi pode ser utilizada para conectar computadores, interconectar redes sem fio e para permitir acesso à internet [<http://www.wi-fi.org/>].

fluxos das relações e seus ambientes em nível planetário.

O campo desta pesquisa é propício aos estudos interconexões, uma vez que a cidade de Parintins recebeu um piloto de acessibilidade à rede mundial de computadores. O mesmo foi desenvolvido e realizado por meio de parceria da iniciativa privada com o poder público, por meio de conexão ao Wi-Fi, livre em praças públicas. O projeto mobilizou os usuários para os lugares servidos por Wi-Fi, como praças, repartições públicas e escolas, fenômeno que reconfigurou a utilização do espaço público na cidade. Empiricamente, é possível dizer que a introdução desse serviço gerou tensões entre os vários sistemas-ambientes, tornando-os, em diferentes momentos, interdependentes, complementares e antagônicos. O próprio serviço de Wi-Fi, representa essa condição, porque pode ser visualizado como um sistema-ambiente econômico (teste de novas tecnologias e fomento a novos usuários), cultural (intensifica as relações pessoais, grupais e interinstitucionais) e político (cria novas relações de poder por meio do fluxo informacional).

O objetivo da pesquisa, portanto, é analisar a reconfiguração dos entrelaços nos espaços públicos (praça), a partir da perspectiva dos ecossistemas comunicacionais. Percebe-se nesses espaços de interação pública por intermédio da internet, um intenso relacionamento sociocultural a partir dos dispositivos móveis.

Tais aparelhos, que na contemporaneidade possibilitam uma gama de funções, vêm transformando o cotidiano dos usuários desse tipo de serviço público, conforme cada experiência de interação com o ambiente. Essas observações e deduções me levaram aos seguintes questionamentos: Como era desencadeada a configuração da relação antes da internet pública no ambiente praça? Quais os entrelaços de reconfiguração estabelecidas na contemporaneidade? Como se desencadeiam os processos de apropriação das tecnologias e como elas se inserem cotidiano da cidade? As pesquisas buscam revelar as nuances que encobrem o fenômeno em questão. Sem esse estranhamento, o uso das tecnologias digitais de comunicação e sua ressignificação passaria despercebido no bojo das emergências tecnológicas atuais.

Na Amazônia, a comunicação em redes telemáticas ganha importância singular porque influencia e é influenciada pelas estruturas organizacionais das sociedades amazônicas, cuja complexidade é muito bem demonstrada pelo ensaísta Leandro Tocantins. Os rios amazônicos, para ele, são os vetores que orientam a geografia, a história e a vida nesta parte do planeta.

Este trabalho é um recorte, assim como outros que visa observar um traço Amazônico que, em larga medida, atinge a centralidade da nossa imaginação porque envolve

critérios diferenciados de convívio social, cultural, econômico e político. Consideramos que as abordagens dessa temática se embasam, geralmente, em discursos que reforçam a imensidão da floresta, os mistérios das suas formas de vida, as lendas, as ambições imperiais. Sua influência constitui uma gama de conceitos e interpretações e desperta novos olhares. As metáforas El dourado, Inferno Verde, Paraíso Perdido, Pulmão da Terra e A Última Fronteira por tempos impulsionaram a criação de estereótipos sobre a natureza, a cultura, a economia e o imaginário das populações amazônicas. Mais recente, vivemos o momento do fortalecimento dos discursos monumentalistas e ecológicos da temática devido à preocupação com os rumos das reservas do planeta Terra.

A Amazônia hoje possui estruturas e dimensões socioespaciais diferentes do que era no passado. Novos e velhos sujeitos (indígenas, movimentos sociais, governo, ambientalistas, forças armadas e mídia) produzem discursos variados que trabalham às questões locais em dimensões globais. A presença da natureza impulsionadora dos hábitos e formas de convívio, as condições da população e seus índices de desenvolvimento humano, os fluxos de produção e consumo midiático e suas diferentes narrativas, demonstram o desafio de pesquisar a Amazônia e suas características.

Assim, nosso olhar da pesquisa em Comunicação entende a necessidade de compreender os significados atribuídos à cidade amazônica contemporânea, como Parintins, para além da paisagem dominante dos rios, florestas e seus exotismos culturais e naturais. É necessário superar essa forma simplista de interpretação, sem desmerecê-la, que prioriza a ideia de isolamento das cidades amazônicas.

As razões que nos levaram à mudança desse olhar estimulam a pesquisa em comunicação a considerar as multiplicidades amazônicas, a debruçar-se sobre as tecnologias de comunicação informação e seus fluxos, deixar de lado as amarras disciplinadas e partir para dialógica dos conhecimentos. O reconhecimento do caráter dinâmico dos processos de pesquisa e de comunicação, por exemplo o ecossistêmico comunicacional, implica perceber nos estudos redes e processos os conflitos sociais que as tornam interdependentes, complementares e antagônicas no trajeto da sua própria história e em diferentes discursos.

Essa perspectiva desafia a comunidade acadêmica a pesquisar, também, os fenômenos socioculturais das cidades médias e pequenas. Assim, os interesses acadêmicos podem se deslocar das capitais e dos grandes centros econômicos, como Manaus e Belém, no caso da região amazônica brasileira.

Para realizar esse estudo, parto do princípio que os fenômenos comunicacionais – e principalmente os gerados pelas novas tecnologias da comunicação e informação – não estão

dissociados do ambiente físico e sociocultural que as envolvem. Natureza e cultura precisam ser religadas, para que as conexões ocultas da vida se revelem. Logo, torna-se necessário mergulhar nos rios, nas florestas e nas sociedades amazônicas e seus fluxos comunicacionais. A natureza, espaço-tempo, homens e mulheres estão, para esse jeito de pensar, viver e ver o mundo, estão relacionados entre si, por meio de movimentos antagônico, dependentes e ambivalentes.

É preciso pesquisar a imagem da Amazônia que se diferencie do simbolismo que circula na maioria dos meios de comunicação em todo o Planeta: a de uma região estigmatizada pelo subdesenvolvimento e isolamento, e ao mesmo tempo possuidora de imensa floresta tropical e volumosos rios à espera de exploração econômica. Entretanto, para além dessa imagem forjada pelo e no imaginário europeu, há hoje cerca de 15,8 milhões (IBGE/2009) de pessoas no Norte do País que, em alguma escala, estão conectadas com outras regiões do mundo, compartilhando ambientes, sentimentos, sentidos e ambientes físicos e virtuais.

Com as tecnologias digitais em constante desenvolvimento e sua utilização cada vez mais viável a um número maior de pessoas, os seres humanos se veem desafiados a pensar e agir em dimensões ampliadas. Ações locais e globais se tornam possíveis ao mesmo tempo, principalmente por meio das conexões em redes computacionais.

É possível afirmar que, na contemporaneidade, a rede amplia os padrões de conexão dos grupos sociais, sejam elas interpessoais ou intergrupais. O surgimento das redes sociais reforça a ideia de que os meios de comunicação jamais foram apenas “máquinas” de transmitir mensagens. Elas permitem a interação entre os diversos sujeitos e seus ambientes. Wellman (2003) relata que as redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais. Uma pesquisa sob a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais colabora com este pensamento, pois “compreende o mundo não a partir de uma coleção de partes, mas como uma unidade integrada” (PERREIRA, 2011, p. 2).

Os ecossistemas comunicacionais constituem a área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM/Ufam) da Universidade Federal do Amazonas. Trata-se, certamente, de uma proposta bastante ousada dentro dos estudos de comunicação, porque implica reconhecer a comunicação como um resultado da interligação de sistemas vivos e não vivos em condições. Tais sistemas envolvem mais que

troca de mensagens.

Nessa ótica da comunicação contemporânea, os dispositivos móveis, como os celulares, tornaram-se parte do cotidiano da maioria da população do Planeta, aqui são tratados como “Mídias Digitais”. As últimas versões assemelham-se a computadores pessoais portáteis, com funções de transmissão de dados sem fio, software e acesso à rede mundial de computadores. A abrangência desse desenvolvimento tecnológico influencia as formas de criação e transformação das relações sociais. Essas transformações geram novas interações entre as sociedades humanas e os diversos ambientes planetários, em razão da aceleração das transmissões, intensificação das conexões e possibilidades de conexão por meio de tecnologia sem fio (celulares 3G, 4G, Wi-Fi, Wi-Max, RFID, GPS, Bluetooth).

Essa observação se enriquece quando elas se aliam ao aumento da utilização de dispositivos móveis na Região Norte. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da PNAD-2013, revelou que a existência, proporcional, do maior número de pessoas usando dispositivos móveis no Norte, principalmente celulares com acesso à internet, decorrentes de dois motivos: falta de infraestrutura das cidades para receberem equipamentos de conexão e os altos preços dos computadores pessoais. No Amazonas, por exemplo, a dimensão geográfica aparece como um dos grandes desafios à popularização e não seria diferente para o uso das tecnologias de rede. O estado possui 62 municípios e o acesso à maioria deles só é possível através dos rios.

Sabe-se que o investimento para dotar uma cidade de web é alto. Igualmente, sabe-se que grande parte da população do interior não possui condição financeira para arcar com os custos do serviço de internet.

Com o acesso à internet aos ambientes públicos, a mobilidade tecnológica proporciona a população a utilização de todos os sistemas online e off-line de seus dispositivos móveis, tais como: sistemas de conversação (chats, mensagem de texto e de voz), câmera digital (fotográfica e de vídeo), rádio, televisão e comunicação via telefonia. Onde o acesso é constante, percebe-se que essa convivência tecnológica é interpretada como necessária, imprescindível, funcional, e assim coabitam o cenário social e cultural, porque com o processo de valorização tecnológica o homem estabelece uma relação preexistente com a máquina e suas extensões com alusão de desenvolvimento comunicacional.

Segundo o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2013, 8,7% dos domicílios da região Norte acessam a web apenas por meio de outros equipamentos, que não o computador. É a maior taxa em todo o Brasil. No Centro-Oeste, esse número chega a 4,4%; no Sudeste, 3,9%; no Nordeste, 3,6%; e no Sul, 3,4%. Nota-se a

abrangência da utilização desses dispositivos na região. Assim, os sistemas-ambientes devem ser pensados em sua dimensão de autopoiese, e essas redes telemáticas e sem fio como importantes para entender as transformações culturais, suas dinâmicas, regras, códigos e condições que guiam esses sujeitos. Uma vez que a autopoiese é entendida como processos de autoprodução, serve para pensarmos no sistema-ambiente, - a rede de distribuição-, como produtor e produto de fluxos, que agem e reagem diante das circunstâncias que permeiam as diversas atividades de comunicação entre os ambientes.

Das Mídias Digitais, o Smartphone (celulares inteligentes) e tablets são os com maior acesso à internet no Brasil (IBGE, 2013). Segundo a pesquisa, um quarto da população brasileira (24,8%) não tinha telefone celular em 2013, embora o percentual de pessoas com celular tenha avançado 131,4% (73,9 milhões de pessoas), desde 2005, e alcançado 130,176 milhões de pessoas no ano de referência da pesquisa.

Cabe explicar que a terminologia smartphones utilizada nessa proposta, em vez de telefones móveis ou celulares, deriva da concepção de que são dispositivos que possuem sistemas operacionais (navegadores de acesso à internet) com funções inerentes de um computador, ao qual diferencia dos demais celulares tradicionais.

O termo “smart” vem do inglês “inteligente”, traduzindo-se, “telefone inteligente”. Essa terminologia é um argumento de mercado para destacar um aparelho que agrega outras funcionalidades além do ligar e receber chamadas.

Vislumbro descobrir, no contexto da Amazônia contemporânea e das suas diversas formas de comunicação midiática, como os usuários se envolvem e se articulam nessa interação de acesso à internet e como eles se relacionam social e culturalmente. Pesquisar essas relações entende que as cidades são uma rede de técnicas múltiplas, onde passam e repassam articulações globais em tensão com os processos de reconfiguração e criações locais, por que o processo se encaminha em rede onde a concepção amazônica também é participante.

Em Parintins, esse espaço evidentemente é palco de conflitos diários, a ação do governo municipal e a ação dos cidadãos e cidadãs, protagonista mudanças diversas, afinal, o município abriga boa parte da esperança na busca de políticas públicas mais eficazes na saúde, educação, na resolução de problemas ambientais e econômicos.

No Amazonas, o projeto mais antigo de políticas públicas de internet data de 2005. Trata-se do Projeto de Inclusão Digital, antigo Rede Cidadã Digital, que assumiu o compromisso de garantir a inclusão digital e ampliar as oportunidades para jovens de baixa renda sem acesso à informática. O Projeto de inclusão Digital é coordenado pelo Conselho

de Desenvolvimento Humano (CDH) e atua em parceria com o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM) e com a Secretaria de Educação e Qualidade de Ensino (SEDUC). Os primeiros passos rumo à estruturação do Projeto foram dados ainda no ano de 2006. O projeto-piloto foi implantado no município de Silves.

Para viabilizar o Projeto Amazonas Digital, oriundo da experiência Rede Cidadã Digital, a Telebrás e o governo do Amazonas firmaram acordo para o uso de fibras ópticas do gasoduto Urucu-Coari-Manaus, cujo uso foi cedido pela Petrobras, para garantir acesso à internet aos municípios de Coari, Codajás, Caapiranga, Anamã, Anori, Manacapuru e Novo Airão área metropolitana da capital Manaus.

Neste projeto, analisamos a reconfiguração do espaço público (praça) com sua viabilidade de conexão sem fio da cidade de Parintins, que não foi beneficiada com ações de fibra ótica, pois estamos falando de uma ilha. O fator importante para definição da localização do estudo é que, em 2007, Parintins foi contemplada com o projeto Cidade Digital, por meio do qual o governo federal propagou, por intermédio da Embratel, uma rede full wireless para atender ao menos parte da cidade. Segundo o projeto, Parintins era um perfeito exemplo de cidade rural que sofre, em consequência de sua localização “em área extremamente remota”, tendo dificuldade para instalação de redes de telecomunicações e sistema de transporte. Essas dificuldades apontadas no projeto, ocorrem por questões econômicas, carência de escala de uso dos serviços; umidade que dificulta a transmissão de informações e dados via satélite; distância dos centros distribuidores dos serviços etc.

A escolha dessa cidade como proposta de pesquisa também é justificada pelos poucos estudos dedicados aos espaços públicos e usuários de internet, principalmente nas cidades Amazônia de médio e pequeno porte e por ser esta uma das primeiras quatorze cidades brasileiras escolhidas pelo Ministério das Comunicações para obter uma infraestrutura voltada para o atendimento de órgãos essenciais da administração pública com projetos de inclusão digital e social do governo federal. O projeto pioneiro do governo federal chamado de Cidades Digitais, escolheu Parintins com benefício do fornecimento de sinal de internet (Wi-Fi) gratuito aos cidadãos, em sua totalidade ou em determinada área; e/ou disponibilidade de ferramentas e infraestrutura de governo eletrônico (e-gov), como serviço de atendimento via web ou ligação de órgão e prédios públicos por meio de cabeamento óptico. Desde o projeto de 2007, outras iniciativas pontuaram a valorização desses pontos de gratuidade na cidade de Parintins. Hoje a cidade possui sistema de acesso livre nas praças centrais do município financiado pela prefeitura.

Esse tipo de estudo percebe a comunicação como instrumentos para alcance de

avanços que ultrapassam a fronteira do econômico e do mercadológico. As redes propiciam aos grupos vivenciarem processos comunicacionais que influenciam comportamentos, perspectivas de vida e sentidos. Nesse caminho, a complexidade marca o processo eco-sócio-cultural incorporado com argumentos de apropriação, uso dos meios disponíveis pela esfera pública e seu ambiente comunicativo, que torna essa abordagem de pesquisa visivelmente intrigante para quem observa.

Por conta disso, no primeiro capítulo está disposto a descrever a configuração da praça como ambiente comunicativo, discutindo não apenas o que é a praça enquanto conceito, mas também sua relação enquanto espaço social. Esses dois conceitos são os que fundamentam a construir o ecossistema partindo os estudos de Segawa (1996), Santos (1997) e Loboda e De Angelis (2005). Também utilizamos informações geradas/organizadas por Monteiro (2011), Colferai (2014), Dantas (2012) e Nogueira (2015) para tecer os argumentos como análise de um ecossistema comunicacional, além dos dados e observações durante a coleta.

Para abordar essa discussão deste trabalho é relevante a relação das plataformas digitais e suas interconexões utilizadas no ambiente amazônico. Ao mesmo tempo, a inclusão digital entrou na pauta do cotidiano das pessoas e os sistemas de conversação passam a encarados como necessários.

2.1 A PRAÇA ECOSISTÊMICA E SEU ESTUDO DE CASO

Do ponto de vista da natureza da pesquisa, o caráter do olhar é eminentemente qualitativo o qual almeja a aproximação entre os conceitos de ecossistemas comunicacionais e praças públicas, onde a observação abarque o uso da rede atrativa e como essas interferem nas relações sociais de quem consome o serviço público, como a conexão de internet nas praças. A pesquisa qualitativa, de acordo com Demo (2011, p. 104) exige um nível de elaboração muito maior por parte do pesquisador, além disso, ela não visa apenas à busca do dado, mas sim, da informação discutida.

A origem da pesquisa qualitativa está no campo da antropologia e da sociologia. Com o tempo, difundiu-se também nas áreas da educação, da psicologia, da administração e da comunicação. Difere-se da investigação quantitativa pelo grau de tensão que seus métodos investigativos podem alcançar, “desta forma, as chances de esses fenômenos serem interpretados por dentro, na perspectiva dos atores nelas envolvidos e no contexto em que eles ocorrem, se ampliam (LIMA, 2004, p.30).

A pesquisa qualitativa está do lado, do que Demo (2014) relata como pesquisa, entendida como movimento processual incessante de desconstrução e reconstrução, é o centro do conhecimento, porque representa sua dinâmica mais própria e profunda. Essa lógica pode observar in loco o objeto ou sujeito da pesquisa, com um perfil de investigação que tem como objetivo a necessidade obter informações coletadas com maior intensidade indo ao encontro do passo complexo da revisão literária. Para isso, necessita-se de instrumentos que implementam uma coleta de dados que imprimam significados para os fenômenos dos sistemas inseridos a partir do acesso de internet pública, cujas interpretações serão baseadas na observação participante e descrição dos processos.

Nessa conjuntura de observação participante, há o contato com a realidade concreta facilmente cura o vedetismo teórico (Demo, p.39, 2004), nota-se que nem sempre essa concretude é proeminente, afinal em campo sabemos que por diversas vezes o sujeito entrevistado ou observado sintetiza múltiplas máscaras de ação. Quando se mexe com a realidade, cai também outras propostas. À medida que assumimos essa inquietação propomos pensar em uma observação proposta por Nogueira (2015) como a da observação quase participante, por aderir ao movimento de que ao ser exposto o fator científico, o sujeito-objeto pode se delinear para uma movimentação mais sensata.

Lembramos que segundo Lima (2004, p.30) a pesquisa qualitativa passou por diversas denominações. Dentre elas, estão: abordagem qualitativa idealista; abordagem

fenomenológica hermenêutica; método etnográfico; método monográfico; método funcionalista; método de estudo de caso; e método de pesquisa-ação. É interessante levar em consideração que Triviños (1987) diz que a coleta de dados qualitativa é uma “expressão genérica” devido à possibilidade de utilizar atividades de investigação específicas que, ao mesmo tempo, tenham traços em comum.

Em nosso estudo, acreditamos que a praça tem potencial de movimentação em rede por habitar um território híbrido, entre o espaço físico e o ciberespaço, como descreveremos nos próximos capítulos. Partindo do princípio das pistas e estratégias metodológicas, afim de avaliar como modalidade mais apropriada para dissertação, explanaremos acerca do estudo de caso, afinal como destaca Duarte (2009), está é perspectiva relevante para pesquisar a investigação de “fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (DUARTE, 2009, p. 21). Justifica-se assim, segundo a autora pelos traços de utilizar como método “uso de técnicas de coleta de informações igualmente variadas (observações, entrevista, documentos” (DUARTE, 2009, p. 216), com a finalidade de compreender a totalidade dos fenômenos, ao qual a pesquisa foi encaminhada por analisar como viável aos anseios.

Modificamos o método de atuação ao que corresponde a qualificação. Visto que trabalhamos com a perspectiva da estratégia e de olhar o fenômeno em movimento, cuja o campo nos aguça alterações em razão de novas descobertas. Frisamos que antes da qualificação, a pesquisadora não via a praça como objeto de análise e sim como ambiente, ao processo de estudo e observações acerca da banca, o que estava implícito foi gerado como figura principal de afirmar do quebra-cabeça, pesquisa dissertativa.

Assim, pensar em estratégias metodológicas, trata de assumir que apesar do protocolo pré-definido, o campo dará novos formatos e anseios. Assim, as hipóteses da pesquisa nos primeiros caminhos eram de evidenciar os anseios dos conceitos cidades inteligentes e praças digitais. No decorrer do caminhar, a praça tornou-se foco enquanto objeto da pesquisa, ao qual demandou um olhar para questões do espaço urbano como da cidade de médio porte amazônico, no caso da Cidade de Parintins. Partimos para revisão dos conceitos ecossistemas, praças e interconexões para construir o cenário das respostas iniciais deste texto. O caminho proposto foi necessário para iniciar a estratégia metodológica, entre vários caminhos possíveis, chegamos à proposta ou propostas da pesquisa qualitativa que Demo (2014) relata como pesquisa, entendida como movimento processual incessante de desconstrução e reconstrução, é o centro do conhecimento, porque representa sua dinâmica mais própria e profunda.

Essa lógica pode observar in loco o objeto ou sujeito da pesquisa, com um perfil de investigação que tem como objetivo a necessidade obter informações coletadas com maior intensidade indo ao encontro do passo complexo da revisão literária. Para isso, necessita-se de instrumentos que implementam uma coleta de dados que imprimam significados para os fenômenos dos sistemas inseridos a partir do acesso de internet pública, cujas interpretações serão baseadas na observação participante e descrição dos processos.

Logo, esta pesquisa passou pelo levantamento bibliográfico, que envolveu leituras, fichamentos, resumos e resenhas de referências analisadas e publicadas em livros, periódicos, artigos científicos para abordar o tema proposto. Tal fato possibilitou a obtenção de subsídios de puderam auxiliar na formação de conceito básicos sobre a temática.

Na sequência foi utilizada a técnicas de coleta de dados, por meio de entrevistas. “A entrevista pode ser definida como um encontro entre duas ou mais pessoas a fim de que uma ou mais delas obtenha dados, informações, opiniões, impressões, interpretações, posicionamentos, depoimentos, avaliações a respeito de um determinado assunto” (LIMA, 2004, p.91). A entrevista ocorre por intermédio de uma conversa acadêmica ou profissional. Pela sua natureza ser verbal, é necessário que haja o registro dessas conversas. Entretanto, entendemos também que o por diversas vezes o ato de gravar em áudio ou fazer anotações constrange o sujeito-objeto, utilizou-se também a memória da própria autora em alguns casos como estratégia. A pesquisadora também realizou coleta de dados em Jornais, documentos institucionais, sites de notícias e oficiais a fim de construir essa produção científica.

Assim, tomamos como postura de estratégia metodológica, por entender que o campo relatou outras determinações no curso da observação, da interpretação e da compreensão do fenômeno comunicacional.

3. RECONFIGURAÇÃO DA PRAÇA: UMA VISÃO ECOSSISTÊMICA

Nesse capítulo, debruçamo-nos na compreensão dos estudos sobre os ecossistemas comunicacionais, aos quais estão concentradas as duas linhas disponíveis no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCOM/Ufam), sendo o nosso estudo com predisposição para as redes e processos comunicacionais (linha 1). A inquietação norteadora passa por esse acesso no espaço público à rede mundial de computadores. Uma realidade que permeia algumas cidades de pequeno e médio porte, como novidade no cenário urbano da Amazônia, onde centenas de pessoas ao desloca-se aos espaços com conexão Wi-Fi, grátis podem manter contato com o mundo inteiro com apenas um clique ou deslizar seus dedos nos dispositivos móveis.

A nova dinâmica social está reconfigurando o sujeito contemporâneo a partir da internet que vem quebrando barreiras comunicacionais e informacionais existentes, o contato via rede mundial de computadores faz parte do cotidiano e essa possibilidade atenua estímulo a criação, invenção, originalidade, inovação. Embora o cotidiano faça parte da matéria-prima do jornalismo, ele fica quase sempre negligenciado nas pesquisas científicas desse campo, como se não fosse interessante e digno de se tornar objeto de análise. Para Maturana (2001, p. 24 - 25), o cotidiano é constituído por fatos reais que contrapõem as ilusões, o imaginário. Só é possível constatar se um fato faz parte do cotidiano após a análise das situações e do ambiente em que o indivíduo. O cotidiano – banal, recorrente, simples, caótico – não é descartável nem ignorado; ao contrário, rico e revelador das condições de produção que ajudam a conformar o homem contemporâneo.

Um estudo como este, que busca observar o cotidiano da praça que possui acesso à internet pública em ambiente Amazônico, encontra na perspectiva ecossistêmica uma visão inspiradora. Primeiro, por seu caráter desafiador da pesquisa em construção e, segundo, pelo questionamento sobre os procedimentos das pesquisas em comunicação na região Norte. Tais parâmetros vêm recebendo uma renovada atenção nas pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/Ufam) desde 2007, cuja área de concentração se voltam aos Ecossistemas Comunicacionais.

Este estudo tem por finalidade analisar primeiramente, o cenário disponível no programa de pós-graduação para estes questionamentos. Em seguida, aproximação dos conceitos praça, espaço público, cidades digitais e dispositivos móveis; entender que cidade é essa chamada Parintins, noções centrais para análise e caracterização da proposta. Na

sequência, a praça toma espaço na análise como metáfora ecossistêmica, por sua visível reconfiguração nas relações do nosso tempo. Por fim, algumas inquietações decorrentes da abordagem dos conceitos-chave, fundamentais para compreensão desse novo momento na Amazônia.

Assim, faz-se necessário tecer comentários com relação ao entendimento para os pesquisadores do PPGCCOM/Ufam sobre os ecossistemas comunicacionais, baseado nessa mudança da perspectiva do olhar. Desta feita, há quase nove anos o PPGCCOM/Ufam sublinha seu caráter paradoxal, composto por um mosaico dos saberes, fazeres e seres que analisam o fenômeno em seu movimento, a partir das suas interrelações e bifurcações demonstradas pelas múltiplas realidades amazônicas.

O ponto de vista dos ecossistemas comunicacionais tem como inspiração com relação à ciência, as teorias e conceitos de Autopoiese e teoria da Cognição, de Humberto Maturana e Francisco Varela; teoria da complexidade, de Edgar Morin; Teoria dos Sistemas Vivos, de Fritjof Capra, entre outros. Visto que, a construção se faz no caminho e a cada nova argumentação científica no programa se encontra novos parceiros para sua ampliação do debate.

Com isso, quer dizer que área de concentração compreende a natureza inseparada do homem, onde os objetos de estudos não são analisados por um recorte e nem independentes do seu ambiente, nota-se a importância de analisar o sistema de forma complexa. Os ecossistemas comunicacionais são vistos enquanto fenômenos cuja razão de interdependência entre os vários sistemas que são compostos realizam conexões internas e externas em movimento.

A ousadia da proposta é uma provocação em busca do olhar por pesquisas em comunicação que extrapolem o objeto particular e façam circularidade na esfera de compreensão universal e vice-versa, ou seja, caso fôssemos comparar com uma forma relacionaríamos as articulações em formato espiral.

A partir do ponto de vista dos ecossistemas biológicos e a correlação aos conceitos de ecossistemas comunicacionais, a abordagem dos pesquisadores do PPGCCOM da Ufam, buscam um cenário de discussão a partir da comunicação para a Amazônia e na Amazônia, sem apodera-se de modelos preconcebidos. Na verdade, o interesse é articular o que foi feito e encontrar o movimento existente nessa nova concepção de olhar.

Ao compreendermos as relações autopoieticas, do biólogo chileno Humberto Maturana e do médico chileno Francisco Varela, pontuamos a influência do meio e seus seres vivo para o olhar dos ecossistemas comunicacionais, afinal, o ser humano é destinado ao

conhecimento, mas sofre influências de uma série de fatores.

Para Maturana e Varela (1995), todos os organismos funcionam devido ao seu acoplamento estrutural, leia-se, sua interação com o ambiente, cuja característica por uma mudança estrutural contínua (que não para enquanto houver vida) e, ao mesmo tempo, pela conservação dessa recíproca relação de transformação entre o organismo (unidade) e o meio, a partir da forma como ocorre o processo há dependência do meio e do contexto em que vive. Ou seja, embora sejamos determinados por uma estrutura biológica, essa determinação biológica não implica num reducionismo biológico, pois o meio interfere na forma como interagimos com nossas próprias estruturas.

Considerar os limites do homem há sempre um processo constante de construção e autoconstrução e sua interação influencia o meio, ao qual irá se processar em uma regulação circular, cujo meio age sobre o indivíduo e o indivíduo age sobre o meio, e não por sobreposição/determinação de um sobre o outro. Essa consideração permite a diferença na determinação filogenética, logo a Autopoiese não considera que o meio seja determinante em uma estrutura ontogênica, ela “apenas” participa de sua transformação.

Ainda em relação ao percurso histórico trilhado pelos teóricos sistêmicos, no que diz respeito à influência para teoria ecossistêmica comunicacional, sobretudo pela conexão entre organização e estrutura, é válido destacar a reflexão de Maturana e Varela (2001), quando em seu livro “A Árvore do Conhecimento”, ressalta a atualização do sistemismo por meio da biologia da cognição.

O reconhecimento de que aquilo que caracteriza os seres vivos é sua organização autopoietica, permite relacionar uma grande quantidade de dados empíricos a respeito do funcionamento celular e sua bioquímica. A noção de autopoiese, portanto, não está em contradição com esse corpo de dados. Ao contrário, apoia-se neles e se propõe, explicadamente, a interpretar esses dados a partir de um ponto de vista específico, que destaca o fato de que os seres vivos são unidades autônomas. (MATURANA E VARELA, 2001, p. 55)

De acordo com eles, que evitam utilizar o conceito de auto-organização por fazer uma diferenciação entre estrutura e organização, inicialmente, a vida é um processo de conhecimento, e como tal construímos pela contribuição fecunda de interações com seres vivos. Tal abordagem ergue uma teoria que põe em discussão o sistemismo, novas hipóteses apontam direções renovadas para o debate, surgem a abordagem que leva em conta a fenomenologia da célula como um processo integrado, auto-organizado e mantendo um equilíbrio dinâmico com o meio.

Dentre elas, destacamos o critério referente às relações entre as partes que

constituem a unidade composta – que diz respeito o que propriamente a unidade. Assim, ao observar uma cadeira podemos fazer uma analogia de que a relação entre as partes constitui uma organização. Ou seja, ao se separar as partes, ela deixa de ser uma cadeira, pois perdeu tal organização (o precedente que faz cadeira, ser cadeira). Nesse contexto, Maturana e Varela (1997) observa que a organização deve ser invariante, e é por isso que ele evita o conceito “auto-organização”.

O principal interesse dessa concepção é a organização do ser vivo e não sua estrutura. Para Maturana e Varela (2001, p.54), refletindo sobre relação e meio, nos diz:

Entende-se por organização as relações que devem ocorrer entre os componentes de algo, para que seja possível reconhecê-los como membro de uma classe específica. Entende-se por estrutura de algo, os componentes e relações que constituem concretamente uma unidade particular e configuram sua organização.

Dedica-se não ao estudo das propriedades de seus componentes, mas sim ao processo e às relações entre eles, realizado através dos componentes. A partir disso, Maturana cria o conceito autopoieses para definir a organização comum a todos os seres vivos, referindo-se à auto-organização dos processos celulares quando, por exemplo, as células reproduzem substâncias necessárias para autoconversação. Trata-se de uma rede de processos de produção na qual cada componente participa da produção ou transformação de outros componentes da rede. Portanto, a organização dos seres vivos é sua própria produção, ou seja, a rede produz a si mesma continuamente.

É importante frisar que Maturana não concebe os sistemas sociais humanos como autopoieticos, mas sim o meio pelo qual os seres humanos realizam sua autopoiese biológica, por meio do languageamento (languaging). Por sua vez, Varela sustenta que a concepção de uma rede de processos de produção, que está no próprio centro de definição da autopoiese, pode não ser aplicável além do domínio físico, mas que uma concepção mais ampla do fechamento organizacional pode ser definida para sistemas sociais (MATURANA; VARELA apud Capra, 2006, p.172).

A partir da consideração de que a visão ecossistêmica independente do ângulo em que seja observada, possui como permanente natureza de totalidades integradas cuja abordagem do fenômeno compreenda suas relações. Torna-se possível destacar as articulações dos estudos que contribuem para legitimação da área de concentração dos ecossistemas comunicacionais perante influência que não reduzíveis às partes.

O protagonismo para essa compreensão da comunicação humana reinserida nos fenômenos da natureza, torna-se atrativa por ser articulada na Amazônia, onde há um

“complexo de ecossistemas interligados que são influentes na manutenção e equilíbrio da terra, como sistema de vida” (Silva, 2013, p. 91). Assim, a própria Amazônia se torna metáfora dos ecossistemas comunicacionais ou ambiente propício, por ser uma entidade decisiva na manutenção e transformação da dinâmica das relações complexas da terra.

A opção para a proposta do Programa de Pós-Graduação em vista a área de concentração inovadora, considera como inspiração, a tese da pesquisadora Cláudia Guerra Monteiro (2002), “Barco-escola: uma experiência de educomunicação às margens dos rios da Amazônia”, cuja percepção da educomunicação e dos ecossistemas Amazônicos foram relatados nos processos de ensino-aprendizagem acionados por práticas pedagógicas específicas, a qual averigou que o barco-escola atravessa a aprendizagem das comunidades pertencentes aos afluentes do rio Amazonas, demonstrando discussão com o conceito de Ecossistema Comunicacional proposto por Ismar Soares, então orientador de Cláudia Guerra.

Outra questão apontada pela proposta do programa de Pós-Graduação e sua área de concentração como norteadora, foram as leituras que sequencia a natureza como “elemento a ser necessariamente considerado, não mais em relação com o ser humano, mas no reconhecimento de que se trata de uma unidade” (Colferai, 2014, p 50). Questão está incluída na perspectiva de pensamento complexo de MORIN (1921), por apontar do princípio dialógico quando fala da união de dois princípios ou noções que deviam se excluir reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade.

Como por exemplo, CAPRA (2006) relata que o ecossistema é estimulado pelo conceito de ecologia profunda por encarar a indissociabilidade dos seres humanos em relação ao ambiente, por considerar “a ideia de que a escola filosófica da ‘ecologia profunda’, que não separa os seres humanos da natureza e reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos, poderia fornecer uma base filosófica, e até mesmo espiritual, para o novo paradigma científico” (Capra, 2006, p.9).

O posicionamento do programa em busca de um novo paradigma científico perpassa a não obrigatoriedade do objeto na adequação do pensamento proposto pelo programa, todavia, a luta de ultrapassar os paradigmas tradicionais, deve ser feito a partir da articulação com as demais ciências, a fim de obter uma inovação de olhar para área. Isso não quer desmerecer ou desconsiderar os paradigmas tradicionais, principalmente diante das narrativas dispostas como ponto de partida. Entretanto, a ousadia permite “ir além de seus limites conceituais e lançar mão das contribuições de outros campos e de pensadores que podem ser elencados entre aqueles que extrapolam classificações por áreas de

conhecimento” (MONTEIRO E COLFERAI, 2011).

No contexto de elucidar a origem etimológica da área de concentração, Pereira (2011), relembra que a palavra ecologia deriva do grego Oikos (que significa “lar” “casa”) e tem como histórico seu forjamento de utilização pelo pesquisador Hans Reiter, entretanto, o termo teve visualidade com a proposta do biólogo Ernst Haeckel (1866), que definiu como conjunto de interações existentes entre organismos e os ambientes que estão inseridos. Por ventura, Jacob Von Uexkull emprega, em 1909, a noção de “Umwelt”, ao referir à percepção subjetiva dos animais em relação ao seu ambiente. Capra (2006), ao analisar Uexbull relata que o pesquisador visualiza cada animal como possuidor de um mundo subjetivo próprio e é preciso entender cada um a partir do ambiente em que ele vive.

Capra (2006) desenvolveu em seus relatos a ideia de que a expressão ecossistemas seria oriunda dos primeiros ecologistas que estavam muito próximos à Biologia organísmica, trabalhando com comparação entre as comunidades biológicas ao organismo de forma natural. A partir dessas considerações, novos conceitos surgiram e as espécies de animais e plantas passaram a ser agrupadas por associações e por suas relações alimentares. Capra (2008) relata que o conceito de ecossistemas está articulado com a rede, assim nos permite observar a ciência nos anos de 1920 com este enfoque, quando os ecologistas viram os ecossistemas como comunidades de organismos ligadas em forma de rede através de relações de alimentação, e usaram o conceito de cadeias alimentares para descrever essas comunidades ecológicas.

De acordo com Capra (2006), a nova ciência da ecologia enriqueceu a emergente maneira sistêmica de pensar ao introduzir duas novas concepções: comunidade e rede. No que tange à questão, o conceito de rede tornou-se cada vez mais proeminente em ecologia. Dessa forma, pensadores sistêmicos começaram a usar modelos de redes em todos os níveis dos sistemas, vendo organismos como redes de células, e células como redes de moléculas, assim como ecossistemas são entendidos como redes de organismos individuais.

. 3.1 ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS

O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação- PPGCCOM/Ufam está aprimorando as bases epistemológicas e metodológicas da comunicação ecossistêmicas, as quais constam um número significativo de pesquisas que exercem um pioneirismo na formulação que buscam entender a região nas suas relações complexas - por isso, concorrentes, antagônicos e complementares.

Na formulação estão entre os pioneiros da formatação da área de concentração e na

realização de pesquisas nessa nova área de concentração, os estudos do Professor Dr. Gilson Monteiro com doutorado na USP/SP e seu grupo de pesquisas Interfaces- (Grupo de Pesquisa e Estudos em Comunicação, Informação, Design e Artes), ao qual propôs o programa de Pós-Graduação PPGCCOM/Ufam, que possibilitou o conhecimento de pressupostos da ecologia profunda, os princípios da nova ciência que busca integração entre o homem o meio, a relação sociedade e natureza; e a professora Dr. Mirna Feitoza Perreira, com embasamento na semiótica peirciana, que propiciou abordagem de pesquisa que revelam o conhecimento das e sobre as relações ecossocioculturais.

Emanados por essas perspectivas e com intuito de propiciar uma nova abordagem das pesquisas em Comunicação na Amazônia, ambos contribuíram com esse jeito amazônico de compreender o mundo. Ratificamos que não somente essa região, como qualquer outro objeto-sujeito que busque compreensão da totalidade. Todavia, é importante frisar que o ecossistema comunicacional busca, segundo Monteiro e Colferai (2011) a ultrapassagem dos paradigmas tradicionais, que mais parecem obrigar à adaptação do mundo vivo aos seus protocolos do que de fato fazer a prospecção das relações comunicativas.

Esse caminho desenvolve um ponto de vista de estudo, nas palavras de Pereira e Freitas (2015), significa dizer que objeto não mais será analisado de acordo com um recorte, no qual determinadas funções são estudadas independentes do seu ambiente, entorno ou contexto. Afinal, o ecossistema só existe em razão da interdependência entre os vários sistemas que o compõem; e esse fenômeno se realiza graças às conexões internas e externas, aos quais está implicado, no microcosmo e no macrocosmo.

A tese de doutoramento intitulada, “‘Porcaria’, inteligência, cultura. Semioses da ecologia da comunicação da criança com linguagens do entretenimento, com ênfase nos games e nos desenhos animados”, de Pereira (2005), é um dos marcos para a perspectiva ecossistemas comunicacionais. A autora demonstra a ligação da perspectiva como parte da visão ecológica da comunicação desenvolvida na pesquisa de doutorado. De acordo com Pereira (2011), uma pesquisa acerca dos ecossistemas comunicacionais pressupõe:

Uma compreensão científica que considere o mundo não a partir de uma coleção de partes, mas como uma unidade integrada na qual a diversidade da vida, seja ela natural, social, cultural, tecnológica possa ser investigada a partir das relações de interdependência que regem a vida (PEREIRA, 2011. p. 2)

Em contrapartida, Transley (1936), nos dizeres de Laena (2012), relata que o termo “ecossistemas”, quer dizer um sistema que aborda não apenas os aspectos que compõem os organismos vivos (vegetais e animais), mas também os fatores físicos e as relações que se

estabelecem entre esses organismos.

A esse respeito Monteiro e Dantas (2011 p.222), afirmam que a “teia da vida” é marcada pela realidade ecológica, interdependência, dos fenômenos. Não existe uma estratégia mais ou menos eficaz, são simplesmente sistemas que se estruturam a partir do “mundo de vida” experimentado por cada um. Com isso, os autores dizem que, os atores envolvidos na rede levam em consideração o meio ambiente, visto e tratado como vivo e sensível às interações impostas pela forma de atuar o ser humano.

Analogicamente, os sistemas ecológicos inspiram essa compreensão da comunicação humana, reinserindo-a nos fenômenos da natureza. Capra (2002) entende que no ecossistema, nenhum ser é excluído da rede. Todas as espécies, até mesmo as menores dentre as bactérias, contribuem para a sustentabilidade do todo.

Com sua tese de doutoramento, Colferai (2014) atrelado ao conceito de ecossistemas comunicacionais como metáfora de compreensão amazônica, entende que o ecossistema é comumente definido como um conjunto de elementos, quase sempre biológicos, postos no mesmo ambiente que, para se constituírem como sistema, precisam estar em contato, o que pressupõe algum nível de comunicação. Para o autor, falar em Ecossistema Comunicacional é dizer o mesmo duas vezes. Contudo, o pesquisador concorda que, a perspectiva trabalhada no PPGCCOM/Ufam inclui diferentes interpretações e supõe o deslocamento de um conceito ligado à biologia para o campo da comunicação; ou seja, ele se move da natureza para a cultura, por exemplo, com leituras e pesquisas no programa que passam pela cibernética, imaginário tecnológico, cultura organizacional, semiótica e pela teoria sistêmica.

Pereira (2011) explica que a perspectiva ecossistêmica deve ser entendida não a partir do isolamento e da atomização de seus elementos, mas das relações que interferem e possibilitam a construção, a circulação e a significação das mensagens na vida social. Autora pontua as formas de compreensão, como:

Entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre os sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que a modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e, no limite, na própria cultura (Pereira, 2011, p. 51).

Logo, aceitar essa postura é tentar questionar a legitimação dos saberes que aprendemos. E abduzir o ambiente, compactuar com o desafio da complexidade, abdicar a separação e o olhar somente para unidades. Dessa maneira, a expectativa é apresentar

resultados que possam trazer uma real contribuição científica ao abarcar aquilo que é a inquietação inicial deste trabalho:

A partir dessa visão, Colferai (2014) colabora com a epistemologia desenvolvida ao relatar que a Amazônia é uma metáfora dos ecossistemas comunicacional possível. É metáfora por ser um dos ambientes do planeta em que mais claramente se mostra a presença da natureza, e por isso também melhor vislumbrado os múltiplos agenciamentos entre natureza e as relações cotidianas de seus habitantes. Pereira (2011) adverte, que investigar os processos comunicativos a partir da perspectiva dos ecossistemas comunicacionais implica em entender que a comunicação não é um fenômeno isolado. Lembra-se aqui mais uma vez que, tal como nas outras ciências, a questão do ponto de vista dos ecossistemas comunicacionais está em construção. Isso significa que não existe uma bibliografia definitiva para os estudos que partem dessa perspectiva, sendo então um desafio adicional para os pesquisadores na contemporaneidade ajudar a construir esse caminho, o que pode trazer dificuldades nos momentos iniciais de realização do trabalho.

Tratar o panorama sociocultural desse grupo de usuários –a rede- em face de novas experiências e produção de sentido por intermédio de uma abordagem ecossistêmica resulta uma ultrapassagem no âmbito das demais abordagens disciplinadas, mas ainda assim, salientando a religação dos saberes no campo interpretativo. O enfoque das linhas por essa abordagem processual e sistêmica, oferece contornos mais complexos, ao mesmo tempo em que abre novas perspectiva para que possamos entender o fenômeno comunicativo. Não se fecha no todo pelas partes, bem como, as partes pelo todo, entrelaçam ambas as artes compreensivas demonstrando uma visão de que o fenômeno não é isolado.

Nogueira (2015) descreve que a visão ecossistêmica comunicacional é colocar em movimento, a partir da Amazônia, um novo paradigma comunicacional que religue as disjunções e reconheça as singularidades em estado de interdependência com as generalidades do micro e do macrocosmo. Diante do exposto, o desafio é lançado. Revela-se a importância de analisar o entrecruzamento de paradigmas do conhecimento que estão suscetíveis a incertezas, a erros, a ambivalências e bifurcações. Uma vez que se busque compreender os processos comunicacionais na Amazônia por sua complexidade, faz-se necessário entender que historicamente a disjunção foi o passo mais latente dos estudos. A dualidade das posições e conjunções conceituais formulam marcas de exotismo e evidenciam o vazio demográfico do território. Essas concepções dificilmente refletem o ser amazônico, sua história e conhecimento tradicional. Com o desafio da compreensão ecossistêmica, o que se pretende é movimentar o olhar para um paradigma que religue os saberes, ambos são

necessários para tecer o tecido das singularidades e prospecção de totalidade anseios da teoria do pensamento complexo de Morin.

Com a necessidade de um “ambiente conceitual” de profundas transformações epistemológicas nas ciências servirá de substrato um novo paradigma comunicacional que busque na ideia de complexidade, a superação dos conceitos caros aos clássicos, argumentos que desviam da fragmentação, dualidade sujeito/objetivo e oportuna superação causa-efeito. No contexto dos princípios do pensamento complexo, Primo (2008), ressalta que essa abordagem da interação humana como sistema complexo é acusada (de forma generalizada) de funcionalista por entenderem contraditoriamente as relações interpessoais como um modelo estável e constante. Silva (2000, p.99) responde que essa é uma compreensão reducionista do sistemismo. O autor relata que “a noção de sistema não se reduz ao modelo que separa eficácia e disfunções, ordem e desordem, equilíbrio e desequilíbrio”.

Uma compreensão reducionista do sistemismo e da noção do pensamento complexo como algo fácil difere do desafio da construção evidenciada por Morin. Diante dessa compreensão como caminho do olhar para o sistema-ambiente de pesquisa, revela-se o estudo do processo comunicativo que proporciona o entendimento de que a comunicação é um fenômeno complexo, isto é, envolve mais do e mensagens, é posto assim, o desafio científico da pesquisa em movimento, em espiral, no âmbito do ecossistema comunicacional.

4. A PRAÇA E SUAS APROXIMAÇÕES COM A CIBERCULTURA

Ao adentrar na temática das praças e a conexão com a internet, percebemos que podemos moldar, no mínimo, nosso olhar perante duas formas: a espacialidade e aos principais agentes das novas relações sociais. Logo, a tecnologia e a dinâmica pós-moderna da sociedade entram na discussão por implicar diretamente nessa civilização contemporânea, cada dia mais adaptada ao acesso à rede mundial de computadores, a captura de imagens, ao processo de dispor seu dia a dia nas redes sociais. O espaço, agora descrito, passa pelo segmento de territórios informacionais e seus sujeitos que antes navegavam, agora presentificam o acesso e participam como interagentes dessa conexão.

Dessa forma, partimos do pressuposto de que está dinâmica surge como berço para cibercultura, cuja sua base histórica nasce nos anos de 1950 com a informática e a cibernética, sua popularização ocorre na década de 1970 com o surgimento do microcomputador e se estabelece completamente nos anos de 1980 (com a informática de massa) e anos de 1990 (com as redes telemáticas, principalmente com o boom da internet). Logo, as novas tecnologias propagaram-se com uma enorme velocidade, ao ponto de parecer percorrer uma forma de onipresença, misturando-se de maneira radical com cotidiano. Esclareça-se assim, que para Lemos (2013), a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização), vão criar uma nova relação entre a técnica e a vida social, chamada de cibercultura. E esse ciberespaço inserido no processo de tecnologia para Lemos (2013), é hoje um espaço (relacional) de comunhão, colocando em contato, através do uso de técnicas de computação eletrônica, pessoas do mundo todo.

Nesse trabalho, chamo de reconfiguração do espaço essa mudança de finalidade na característica da praça, por ser adaptada ao sistema de conexão de internet, ao qual modifica as características anteriores para que se adapte a um novo objetivo. Isso quer dizer que não devemos confundir a cibercultura como uma subcultura particular, ao contrário, como uma nova forma de cultura. As novas tecnologias tornam-se caminho de novas formas de agregação social, resultando a convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica.

Desde o surgimento das primeiras sociedades o processo de desenvolvimento tecnológico perpassa por significações e representações diversas, em movimento de constante autoreprodução com a vida social. Das primeiras junções de conglomerado de pessoas até as

complexas cidades pós-industriais, o homem inventa, reinventa o seu espaço.

O ciberespaço, segundo Lévy (1999), habita no espaço do saber e lá inventa sua própria língua, constrói seu próprio universo e cria formas diferentes de se comunicar, de trabalhar, de viver. Neste contexto, como será possível interligar o mundo todo, em seus pensamentos, laços sociais e políticos? Para ele, isso acontece graças à informática, a internet, que é a interconexão mundial (LÉVY, 1993, p. 256). Logo, o ciberespaço adequa a relação do espaço virtual ao real, em que o cidadão pode compartilhar de projetos de criação, colaborando para a gestão do espaço público e para a comunicação entre as pessoas, suprimindo outros meios como telefone, correios, entre outros, para além do contato físico. E esse mundo virtual toca o mundo físico atenuando os impactos de toda a cadeia produtiva – produção, transporte, poluição, entre outros (AURIGI, 2005).

Wertheim (2001) destaca que o ciberespaço é um novo lugar para o convívio social e o jogo. Esse espaço é também compreendido como “ambiente de compartilhamento de realidades imaginadas, como um território simbólico propício à exploração de novas experiências existenciais e sociais” (RIBEIRO, 2003). Por não estar vinculado às leis físicas, não está sujeito às limitações dessas leis. Assim, pode ultrapassar barreiras de tempo, espaço, velocidade e alcançar uma nova geografia não menos real por não ser material.

Então, a cibercultura vem como processo de reapropriação cotidiana, relativamente consciente ao ver dos usuários por meio da tecnologia, ou como chama Alex Primo (2008), os interagentes, ao lembrar o livro “Pragmática da Comunicação Humana”, de Watzlawick, Beavin e Jackson, cujo conceito esboça as definições de suas relações, ou, pode-se dizer, cada um tentaria definir a natureza da relação.

O interagente seria o sujeito que reage com a sua definição da relação, podendo confirmar, rejeitar ou até modificar a do outro. Esse processo pode levar a estabilização em relações mais duradouras, à medida que se resolve a definição da relação. Por outro lado, a ineficiência na redefinição da relação frente a cada mudança pode acarretar o afastamento ou a dissolução da relação.

Nessa reconfiguração de espaço a partir da fixação do acesso gratuito de internet nas praças se alia uma zona de interseção entre o espaço urbano e ciberespaço. Para Lemos (2008), esse espaço onde há o controle do fluxo informacional, a partir do acesso aos dispositivos móveis e redes sem fio, chama-se território informacional. O território informacional não é o ciberespaço, todavia é o espaço que se move, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico. Dessa forma, ao acessar a internet em uma praça com conexão de rede Wi-Fi, livre, o usuário está em um território informacional

por estar em distinção com espaço físico e o espaço eletrônico internet. Os territórios informacionais são fundamentais, já que sem eles não há ambiente híbrido (redes sem fio tipo 3G, Wi-Fi, bluetooth), com espaço urbano.

Os fenômenos técnicos-científicos contemporâneos nos obrigam a buscar novas ferramentas e mudar nosso olhar para compreender as particularidades, complexidades e essência dos fenômenos. Hoje, a influência da tecnologia nas sociedades ocidentais tem um lugar de destaque dentre as questões que emergem como primordial e as praças estão inseridas nesse caminhar de modificação tecnológica.

Dessa forma, sobre espacialidade nos relatos de Santos (1997), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 1997, p. 51). A praça se comporta como conexão entre vários espaços quando se institui uma organização e planejamento na estrutura urbana, de modo que as praças recebem conotação de “espaços” em que se vivenciavam as brincadeiras de criança, de adolescências sobre o lugar que passávamos a conviver.

Nos relatos de De Angelis (2000, p.2), “qualquer um de nós tem, remotas que sejam, lembranças de uma praça onde, na infância, o balanço, a gangorra ou o escorregador faziam parte do universo da criança”. As praças são lembranças como espaços livres, palco de ações de lazer, conviveu social, diferente de muitas praças vistas hoje como espaço de abandono, ponto de drogas, prostituição, descaso público, mendicâncias, restando um número reduzido a sociedade como alternativa de lazer, dentre outras atribuições relativas a este setor público que pertence a toda sociedade.

Nas palavras de Santos (1997) “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes”. À medida que as praças são uma forma de paisagem vista com olhares diferentes socialmente com o passar dos anos vem sendo esquecida pela natureza humana ou reconfigurada por ela. Há de se frisar que paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. Os espaços são essas formas que a vida anima (SANTOS, 1997, p. 83).

Assim sendo, as praças estão inseridas neste contexto, em que a paisagem deve ser valorizada, seus espaços bem estruturados e planejados. Caso contrário esses espaços, nesse caso, as praças, acabarão se tornando basicamente uma mercadoria, como aponta o geógrafo Santos:

O espaço uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem (SANTOS, 1997, p. 83).

Silva (1991) faz o seguinte comentário relacionado à questão espacial: o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente, e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é então um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual (SILVA, 1991, p. 13).

A relação do espaço público como espaço de múltiplas ações sociais não vem de hoje. A função pública dos espaços livres foi constituída a partir da Grécia sendo estes impulsionados aos passeios, diálogos e ao lazer do povo. A Ágora ateniense era o nome do lugar onde era possível fazer reuniões e espaço aonde podia-se emitir suas próprias opiniões. De acordo com Loboda e De Angelis (2005), os atuais espaços livres públicos receberam significativa influência da Ágora grega e do Fórum romano, com a abertura de seus limites para o uso da população. O Fórum Romano, por sua vez, era sinônimo de poder, um local de comércio e de política popular.

Na Grécia, a praça seria um espaço de reunião dos cidadãos, no exercício da cidadania ligada à polis. Saltos históricos depois, na Idade Média, o local de trocas de mercadoria passava ser o local de referência para encontro e festas, os chamados mercados, legando à contemporaneidade um imaginário no qual a praça, independentemente do espaço físico assim denominado, “pode estar onde quer que haja divertimento, convergência de curiosos, consumo cultural diversificado” (GASTAL, 2006, p. 93).

As praças públicas, no fim da Idade Média e do Renascimento, possuíam configurações diversas, como: de mercado; de entrada da cidade; como centro da cidade; agrupadas (praças distintas, que se relacionavam na trama urbana). Para Segawa (1996, p. 33), estas assumiam características de espaço. Gastal (2006, p. 93) utiliza uma citação de Le Goff (1992, p. 207), onde relata que a praça era espaço popular, de liberdade, de franqueza e de familiaridade, onde se convergiam todas as ações não oficiais e a população “de certa forma gozava de um direito de ‘extraterritorialidade’ no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra”.

No Renascimento, as muitas crenças filosóficas, teológicas e sociológicas, em busca de “cidades ideais”, com uma unidade formal, transformaram as praças num lugar popular

disciplinado, onde as praças europeias demonstravam tal unidade em forma de um espaço fechado, para festas controladas e ritualizadas. O modelo de Plaza mayor medieval, centrífuga e aberta, foi convertido num lugar centrípeto, “um espaço reduzido à maneira de um grande teatro ou ‘curral’, em um lugar provido de solenidade” (SEGAWA, 1996, p. 33). As places royales francesas também são exemplos desse modelo de praça, com arquitetura homogênea e espaço destinado às elites parisienses, com construções de alto padrão e destinada a festas reais.

Um desses espaços, a praça, configura-se como um espaço ancestral “que se confunde com a própria origem do conceito ocidental de urbano” (SEGAWA, 1996, p. 31), mas não era comum o plantio de árvores em praças na Idade Média e no Renascimento. A natureza materializada no formato de jardins e parques começava a surgir a partir do século XVI, com a prerrogativa de serem espaços privados. Já os jardins e parques públicos, só têm sua materialização como espaços públicos urbanos a partir do século XVII. A área da periferia havia como modelo estar numa interface do urbano-rural, ainda com características rurais, e que ainda possuíam a presença de árvores, de verde. “Dessa forma, a cultura popular não-oficial dispunha na Idade Média e ainda durante o Renascimento de um território próprio: a praça pública, e de uma data própria: os dias de festa e de feira”, SEGAWA apud (BAKHTIN 1987, p. 132-3). Essa necessidade premente de criação de áreas específicas de preservação do verde se caracteriza, prioritariamente, por um movimento vindo das elites, que se deslocam para a cidade e que sentem falta dessa relação mais próxima com a natureza, pelo movimento de afastamento e de ruptura que se deu.

Morfológicamente são classificadas em duas tipologias básicas, sendo a primeira a praça do mercado, e a segunda, a praça da igreja (denominada adro). Aparecem também outras classificações como as de SEGAWA apud Paul (ZUCKER, 1959, em Town and square), que classifica morfológicamente as praças medievais em categorias que poderiam ser resumidas nas seguintes: praças de mercado; praças de entrada da cidade; praça como centro da cidade; adro de igreja e praças agrupadas (praças distintas como a do mercado e a da igreja, espacialmente relacionadas na trama urbana), isso devido às variações de praça encontrada nesse período.

No fim do século XVI e início do XVII, o mercado de uso lucrativo da terra fez com que várias reservas fossem desativadas, mas algumas destas resistiram e se tornaram em um motivo de status para seus proprietários, transformando-as em espaços para exibição de sua riqueza, na reordenação da paisagem e na conversão de bom solo arável em terreno de prazer provido de árvores.

À medida que as áreas de mata selvagem diminuía, gradativamente passavam a não atemorizar mais, e se transformavam numa valiosa fonte de prazer e inspiração para a burguesia, o que para Segawa (1996, p. 28) quer dizer que, “ao mesmo tempo, o cultivo de árvores satisfazia aos interesses econômicos e atendia aos anseios estéticos da mitificação da vida do campo”.

A praça era utilizada ainda como mecanismo de defesa, as denominadas por SEGAWA, praças de entrada da cidade, continham todas as funções necessárias para que os forasteiros não adentrassem o perímetro urbano da cidade, para que não houvesse nenhuma situação inusitada decorrente desse fato, por esse motivo essas praças possuíam estalagens e casas de pousada, comércios e até tribunais de juizes, para que pudessem executar suas sentenças ali mesmo caso necessário. Mas é no período do Renascimento que as praças chegam ao seu ápice, com o surgimento dos novos planos e das novas cidades ideais renascentistas, surgem paralelamente às praças ideais. Aqui diferentemente de todos os outros períodos anteriores a praça não é só mais um vazio no espaço urbano, é agora um lugar especial e de destaque no traçado, projetada por grandes arquitetos como Brunelleschi (Piazza di SS. Annunziata em Florença 1409), Lorenzo Bernini (Piazza Obliqua de São Pedro de Roma, 1647 a 1651), entre outros, segundo os ideais de simetria e regularidade, característicos do movimento renascentista. A praça possui no renascimento uma simbologia especial, ela é concebida sempre em conjunto com alguma escultura ou obra arquitetônica, e possui a função de destacar o monumento. Ou seja, a praça faz parte de um todo, unificando o espaço público com a arquitetura e o urbanismo.

A partir desse esboço da dinâmica da praça podemos perceber que há milênio, ela é utilizada pelas civilizações de várias formas, mas sempre com predisposição a função de integrar e socializar. Considerando que as praças são espaços abertos, urbanos e públicos destinado ao lazer e ao convívio da população sua importância é aproximar e reunir pessoas seja em âmbito cultural, econômico (comércio), político ou social. Ademais, pode ser considerada como espaço dotado de simbolismo, por carregar o imaginário e real, marcos arquitetônicos, transformações e celebrações, sendo parte da cidade e dos cidadãos.

Não é difícil perceber que as relações de espacialidade, praça e novas formas de conviver pelo acesso à internet condessa um novo momento, ainda pouco explorado, mas que mereça um olhar sobre a multiplicidade de comportamento. Com isso, a praça pode-se: misturar, mesclar, cruzar, interpretar, superpor, justapor, imbricar, fundir, formar ecossistemas amazônicos distintos e em movimento objetivado por essa análise em discussão.

5. CONEXÃO PARINTINS: A CIDADE, O ACESSO A INTERNET E A PRAÇA

As cidades Amazônicas são fruto da confluência de sujeitos sociais que inauguram novas singularidades de território e formas de organização nos trópicos amazônicos. Assim, falar de uma temática ligada a Amazônia requer na lembrança sua grande diversidade ambiental e social da região. É (re) conhecer suas matrizes geracionais, destacadas por dinamismos e sincretismos singulares, por paisagens reconhecidas internacionalmente por sua exuberância nas quais o homem configura como parte indissociável. Nesse passo, o processo histórico do homem na Amazônia caminha por silêncios e ausências que acentuam a sua relativa invisibilidade e levam traços configurativo emergente de suas relações. Olhar pelo lado contemporâneo implica considerar um mundo de ambiguidades, percorrer caminhos que se cruzam e contrapõem, marcam diferenciações e novos diálogos sobre processos sociais.

À primeira reflexão para compreender o cenário desta pesquisa, é entender que os povos da Amazônia não vivem isolados com relação ao tempo e espaço, ao contrário o que verberam no princípio imaginado por outras regiões, sempre estabeleceram relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com agente mediadores da cultura, com comunidades vizinhas, entre o rural e urbano e a vida em escala global. A ideia de que os habitantes da Amazônia sustentam modo de vida estritamente tradicional não deve ser considerada, tal como se vivessem de modo paralisado. Suas manifestações sociais e culturais se movimentam pelo mundo urbano e vice-versa, assimilam algumas práticas e rejeitam outras. A dinâmica (vista em movimento) perpassa por manifestações ditas tradicionais em suas vidas cotidianas, ao qual podemos interpretar que esses sujeitos sociais estejam inseridos em processo de diferenciação e transformação.

Para desvendar esses novos processos sociais (logo, comunicativos) é preciso olhar seu cotidiano, considerar o contexto, entender seu território e suas paisagens socialmente construídas repletas de contrastes e contradições. Diante das transformações desse fluxo, a temática de cidades inaugura um espaço de discussão construído por espaços públicos de diferentes âmbitos: aberto a todos, espaços privativos, acesso limitado ou não. A cidade pulsa movimento, vibra, convive com seu barulho, com o trânsito, com as ruas e sua população que circula, as praças e outros espaços que emergem a esfera pública, ocupadas por diferentes agentes que são essenciais à comunicação e socialização.

Parintins, o lócus desta pesquisa, é a cidade que representa a metáfora tocantiniana da vida amazônica comanda pelas águas. A cidade se localiza em uma ilha fluvial, na

margem direita do rio Amazonas, a 327 quilômetros de Manaus em linha reta. Essa distância equivale a 18 horas descendo e 24 horas subindo o Rio Amazonas, se a viagem for feita em barcos regionais. Igual as demais cidades ribeirinhas amazônicas, Parintins tem a sua vida influenciada pela vazante e pela cheia dos rios amazônicos. Por via aérea, o tempo estimado é de 55 minutos, partindo de Manaus. E ainda hoje, mesmo com a presença das tecnologias comunicacionais mais avançadas, são as águas que entrelaçam, de modo mais efetivo, as cidades amazônicas e suas populações.

Parintins será apresentada, aqui, com ênfase em quatro fatores: o cultural, o econômico, o político e midiático, os quais foram escolhidos como geradores de subsídios para a realização desta pesquisa.

Historicamente, a cidade surgiu de um entreposto extrativista português fundado partir das primeiras viagens exploratórias da Coroa Portuguesa, por meio do Capitão José Pedro Cordovil. Cordovil deu o nome a esse lugar de Tupinambarana. Segundo Cerqua (2009), a palavra Tupinambá tem o significado de homem viril, um homem forte. A palavra Tupinambarana significa “tupi não verdadeiro”, ou seja, os índios derivados de mestiçagem. E foi um dos grupos entre os Tupis, chamado Parintintin, que deu origem ao nome da Serra de Parintins e a partir desta, à Cidade.

Após a Independência do Brasil, Vila Nova da Rainha foi elevada à Freguesia com a denominação de Tupinambarana, pelo Decreto de 25 de julho de 1832, do Governo do Pará. O lugar, batizado por Cordovil com o nome de Tupinambarana, se sobressaia em relação às demais à direita do grande rio.

Em 24 de outubro de 1848, pela lei provincial do Pará no 146, a Freguesia foi elevada à categoria de Vila, com a denominação de Vila Bela da Imperatriz, e constituiu o município até então ligado a Maués. Com o passar dos anos e troca de nomes que homenageavam membros da Corte, finalmente, em 14 de março de 1853, deu-se a instalação do município de Parintins. Em 30 de outubro de 1880, pela lei provincial nº 499, a sede do município recebeu foros de município e passou a denominar-se Parintins, em homenagem aos Parintintin, índios que migraram do litoral para a Amazônia, no século 17. Em suma, a cidade de Parintins teve várias denominações: primeiro chamou-se Tupinambarana, depois Vila Nova da Rainha, mais tarde voltou novamente a Tupinambarana, depois Vila Bela da Imperatriz e, por último, quando elevada á comarca de cidade, passou a chamar-se Parintins. Até meados de 1970, a cidade se destacava entre as demais pela produção agropecuária e extrativista, com ênfase para produção de fibra de juta e gado bovino.

Somente nas décadas de 1980, Parintins começou a se destacar como “ilha dos bois-

bumbás" em razão do festival folclórico que tem os bois-bumbá Garantidos e Caprichosos como principais atrações. A festa dos bois-bumbás é sempre realizada no final de junho desde 1965 e conta com a participação de turista de Manaus, de outras cidades brasileiras e do exterior. Sobre os locais de apresentação do Festival Folclórico de Parintins, do 1º ao 9º o Festival foi realizado na quadra da JAC (Juventude Alegre Católica), na Praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, nos anos de 1966 até 1975. O 10º festival foi na JAC da rua Jonathas Pedrosa. O 11º e o 12º Festivais, na Quadra do CCE (Comissão Centro de Esportes), no Parque das Castanholeiras. O 13º na JAC da Av. Amazonas. O 14º no CCE/Castanholeiras. Do 15º ao 17º Festival, no Estádio de Futebol Tupy Cantanhede. O 18º no Tabladão do Povo (antigo aeroporto). Do 19º ao 22º Festivais no Tabladão do Povo, cujo nome foi mudado para Anfiteatro Messias Augusto. Do 23º Festival (1988) até os dias atuais, o Festival de Parintins passou a ser realizado no Bumbódromo, construído pelo governo do Estado exclusivamente para esse fim. Nos anos de 1990, por meio de articulações públicas visando o turismo, os bois-bumbás ficaram famosos por realizarem um espetáculo litero-cênico-musical que atraiu a cobertura das mídias do País.

Com essas intervenções de marketing do estado, o modelo de organização e realização do espetáculo folclórico parintinense, que envolvem representações das culturas indígenas, movimenta a economia local em diferentes níveis: desde o pagamento de artistas, brincantes, aderecistas e músicos até o estímulo as atividades comerciais e empresariais. Os bois-bumbás atraíram investimento publicitário de grandes patrocinadores, entre os quais, a Coca-Cola, o Bradesco, os Correios etc, todos interessados na vinculação da sua imagem institucional com uma festa amazônica de visibilidade nacional. Vale ressaltar, que Garantido e Caprichoso elegeram o clamor pela preservação dos ecossistemas amazônicos como temática de suas apresentações desde a década de 1990. Os bois-bumbás se constituíram, ao longo dos anos, também como instituições relevantes economicamente. Afinal, movimentam alguns milhões de reais com patrocínios privados e públicos, dinheiro que roda na economia local.

No campo político, Parintins se destaca por ser o segundo município mais populoso do Amazonas, com 104 mil habitantes, a maioria vive na cidade. O município possui o segundo maior colégio eleitoral do estado – o primeiro é Manaus – com mais de 63 mil votantes (TRE/AM, 2015). Por meio da influência política, Parintins conquistou serviços de infraestrutura, equipamentos e serviços públicos que se sobressaem quando comparados aos demais municípios, à exceção de Manaus. Há dez anos, a cidade se tornou o polo universitário do Baixo Amazonas ao sediar unidades da Universidade Federal do Amazonas

(Ufam) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Parintins faz divisa com as cidades de Nhamundá (AM), distância de 62 km ao Norte; Barreirinha (AM), distância de 84 km ao Sul; Juruti (PA), com distância de 178 km a Leste e Urucurituba, distância de 105 km a Oeste.

As emissoras de rádio, de TV, os jornais impressos e os serviços jornalísticos (blogs de informações locais, sites de notícias e radio webs), mais as redes sociais, formam um polo de mídias fundamental para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do município.

Funcionam no município quatro rádios, a Rádio Club que opera em Amplitude Modulada (AM), a Rádio Alvorada, que opera em AM e OM (ondas médias) e FM (frequência modulada), Rádio Tiradentes (Rádio Globo), que opera em FM e a Rádio Novo Tempo que opera também em FM, radio web, sete sites de notícias e mais dez blogs “inforlocais”. O número significativo de serviços de notícias deve-se, supostamente, a formação de jornalistas nos cursos de jornalismo e demais massa crítica oriundo das unidades locais da Ufam e UEA.

Os vetores definidos para a pesquisa de campo são abordados de modo entrelaçado, porque serão considerados como sistemas abertos e, por isso, em fluxo comunicacional. Exemplo: o sistema-ambiente de mídia está inter-relacionado com os sistemas-ambientes da economia, da política e da cultura; mas, ao mesmo tempo, cada um deles possui a sua autonomia dependente. É dessa forma que a perspectiva ecossistêmica compreende o fenômeno comunicacional: um monumental fluxo de informações e dados, sentimentos e afetos, línguas e linguagens entre os inumeráveis sistemas ambientes. A epistemologia ecossistêmica, por fim, entende que a comunicação está no eterno recriar da vida. Até a década de 1960 Parintins possuía seis praças e a maioria delas surgiram com relação a proximidades com igrejas católicas, no caso: Praça Nossa Senhora do Carmo (hoje Sagrado Coração de Jesus); Praça Cristo Redentor (antiga Praça São Benedito, hoje também chamada de Praça Digital); Praça Eduardo Ribeiro (Praça da Prefeitura); Praça São Benedito; Praça Catedral de Nossa Senhora do Carmo (antes Praça do Cemitério); e Praça Boulevard 14 de maio (Praça do Jacaré).

Na Praça do Sagrado Coração de Jesus está localizado o Obelisco, marco histórico de Parintins que tem os seguintes dizeres: “1832 Obelisco comemorativo de 1932 do primeiro centenário da fundação do município de Parintins, criado pela Lei de nº 02 de 15 de outubro de 1832. Autores: Pe. Torquato Antônio de Souza, Joaquim José da Silva Meirelles e José Bernardo Miquiles, a Lei foi sancionada pelo primeiro Vice-Presidente da Assembleia Provincial D. Manuel Gomes Correia de Miranda”. A Praça Boulevard 14 de maio foi inaugurada dois meses após a sagração e posse do primeiro Bispo de Parintins Dom

Arcângelo Cerqua, ocorrido no dia 14 de maio de 1961. O prefeito José Esteves para gravar o momento histórico construiu, na rua Monteiro de Souza, em frente ao prédio da Junta de Conciliação e Julgamento, um pequeno passeio público com uma praça que denominou de Boulevard 14 de maio (SOUZA, 2003).

Hoje é também conhecida como Praça do Jacaré pela figura de um jacaré em sua ornamentação. A praça foi recuperada no ano de 2011. Para Gomes (2005) a praça é a síntese da cultura urbana de uma comunidade e se constitui num legado pleno de ensinamentos.

Na década de 1970, a primeira praça foi construída na área do antigo aeroporto Pichita Cohen em homenagem ao senador Fábio Lucena, a qual foi reconstruída em 1977 com a denominação de “Praça da Liberdade”, nome que permanece nos dias atuais. A segunda praça construída ainda em 1977 denominada de “Praça do Suzana” (hoje Complexo Esportivo Benedito Azedo), localizada no Bairro de Nossa Senhora de Nazaré. Em 1984 a Lei no 042/84, no art. 1º aprova o loteamento e urbanização da área do antigo aeroporto Pichita Cohen, localizada entre o Bairro de Palmares e o Centro da cidade.

Santos (2011) em seu estudo sobre as praças de Parintins identificou 14 praças no perímetro urbano, as quais foram sendo construídas no decorrer da produção da cidade. De acordo com a autora, das 14 praças de Parintins, 6 estão localizadas no Bairro Centro e 8 localizam-se em apenas 5 dos demais 24 bairros da cidade. Também foram identificados alguns canteiros como: o Memorial Senador José Esteves, do Fuxico (ao lado da CEAM), e do Namoro (próximo ao Comunas).

As praças pesquisadas por Santos (2011) foram as seguintes: Praça Gentil Belém, Praça Nossa Senhora do Carmo (Sagrado C. de Jesus), Praça Boulevard 14 de Maio (Jacaré), Praça Eduardo Ribeiro (Prefeitura), Praça do Cristo Redentor (Digital), Praça Judith Prestes (Comunas), Praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, Praça da Liberdade, Praça Complexo Esportivo Benedito Azedo, Praça de Nazaré, Praça dos Bois, Praça Dr. Tucas Uyetsuka (Japoneses), Praça Tonzinho Saunier e Praça de São Benedito.

6. ANÁLISE DAS REDES DA PRAÇA DA LIBERDADE

A Praça da Liberdade é um dos pontos turísticos da cidade de Parintins, situada no estado do Amazonas, ao qual tornou-se vitrine do estado pelo festival folclórico dos bois, Garantido e Caprichoso, como produto cultural em forma de espetáculo a céu aberto. De acordo com Souza (2013), na década de 1970 o número de ruas em Parintins aumentou para 38, com várias travessas e avenidas. E foram construídas também, duas praças. A primeira praça foi construída na área do antigo aeroporto Pichita Cohen em homenagem ao senador Fábio Lucena, a qual foi reconstruída em 1977 com a denominação de “Praça da Liberdade”, nome que permanece nos dias atuais. A segunda praça construída ainda em 1977 denominada de “Praça do Suzana” (hoje Complexo Esportivo Benedito Azedo), localizada no Bairro de Nossa Senhora de Nazaré.

Assim, a Praça da Liberdade concentra-se no centro de Parintins onde seu entorno possui forte influência com aspectos sociais (escolas, espaço da brincadeira de boi-bumbá, delegacia, estágio de futebol, igrejas e etc.), políticos (câmara de vereadores), econômicos (supermercados, posto de gasolina, salão de beleza). Em relação a estrutura, a praça possui formato retangular, cuja pequenas esculturas em alto relevo contam um pouco da história da cidade e aguçam a curiosidade de quem nos bancos senta para descansar. Outra marca da praça, são seus bancos largos próximos das árvores, escolhida como ponto de encontro dos enamorados e amigos, ou para acessar a internet. Em sua infraestrutura, não coube ao projeto quiosque, bares e lanchonetes, somente ambulantes pela noite com armação que se desfaz. Apesar de contemplar o sinal de internet gratuito, a Praça da Liberdade não oferece tomadas tampouco, qualquer placa ou sinalização de que ali há conexão Wi-Fi.

Uma das principais características é sua localização, que perpassa por duas das principais avenidas de Parintins, a Nações Unidas e Paraíba, ambas cortam boa parte do perímetro urbano do município e potencializam a viabilidade de passagem pela praça. Em 2013, a praça passou por uma revitalização por intermédio da prefeitura com relação a preservação das praças e prédios históricos de Parintins. Foram feitos reparos nos bancos, esculturas, jardins e arborismo, bem como, pintura do meio-fio e nos passeios dispostos.

Enquanto espaço de Lazer, a Praça da Liberdade abriga um público variado de usuários. Dentre os grupos podemos enumerar: os skatistas, os grupos de BMX Street³, o

³ Esporte igual ao motocross, só que utilizando bicicletas, já adaptadas para fazer muitas manobras. É a modalidade onde o indivíduo faz diversos tipos de manobras, e o tempo que ele utiliza não é tão importante mais a dificuldade.

grupo de dominó, caminhada, os rockeiros, grupo de jovens da igreja Batista e etc.



Figura 1. Foto do Alto Relevo da Praça da Liberdade.
Fonte/foto: Suzan Monteverde, 2015.

Como ponto de encontro, é apreciada pelos casais de enamorados, por grupos de militância, manifestações e ações de cunho social. Nos anos em que a pesquisa foi realizada, 2014-2016, podemos presenciar sarau de movimento grevista da Universidade Federal do Amazonas, ato “Fora Temer”, a execução do projeto Vila Natal, onde contemplou metade da praça em parque infantil, Casa do Papai Noel, presépio natalino e a construção de uma árvore de Natal gigantesca. Sem falar, nas exposições, como do coletivo “Fotografia Parintins”, grupo criado nas redes sociais de fotógrafos amadores e profissionais que se reuniram para expandir seu trabalho às ruas, no caso a exposição ocorreu na praça. Dentre as exposições listamos em dezembro de 2015, “Lentes Caboclas” e em setembro de 2016, “Parintins, além do azul e vermelho”. A praça pulsa movimento ao passo que seu local é de fácil acesso ao público e por possuir uma boa localização.

Em meados de 2016, com o processo de novas eleições municipais, a praça recebeu apenas manutenção nos jardins e pintura, ao qual trouxe um certo ar de abandono ao comparar com o ano de início da pesquisa. Sem falar da falta de iluminação e lixeiras no decorrer dos espaços, o sinal de internet foi prejudicado ao qual afugentou os usuários.

6.1 Percurso metodológico para analisar a rede de relações da Praça da Liberdade

Na contemporaneidade, a relação entre o espaço urbano e os processos comunicacionais passam por transformações importantes na atual fase da sociedade da

informação. Para Lemos (2007) as tecnologias sem fio estão transformando as relações existentes entre as pessoas e os espaços urbanos e criando novas formas de mobilidade.

Os antigos espaços de lugar, conforme Castells (1999), estão, pouco a pouco modificando as cidades contemporâneas e transformando-as em um ambiente generalizado de acesso e controle da informação por redes telemáticas sem fio, estabelecendo zonas de conexão permanente, ubíquas e territórios informacionais. Logo, as mídias reconfiguram os espaços urbanos, os centros, as praças, e etc., tornando mais complexo esse ecossistema.

Muniz Sodré (1988), relata que as ideias de território e lugar, vem desde a filosofia antiga, em Aristóteles, pois não há uma ideia de espaço (na física), mas de topus que quer dizer lugar marcado pelo corpo. Dessa forma, para Lemos (2010), o território informacional está vinculado a outra forma identitária, criando um lugar informacional que é diferenciado do espaço abstrato. A conexão por Wi-Fi, na praça da liberdade em Parintins, por exemplo, é um lugar que socialmente apresenta essa dualidade de acesso/controle informacional. Por isso, pretendemos trazer à tona algumas discussões que nos auxiliaram na observação da articulação desse ecossistema comunicacional.

Primeiramente, pensar em acesso livre de conexão com a internet na Amazônia requer pensar como um desafio, em razão da sua complexidade geopolítica, geoambiental, biológica e sociocultural. Como frisamos no capítulo anterior, Parintins cidade de médio porte da Amazônia possui um número de 104 mil habitantes e sofre com traços do urbanismo.

Identificamos a variedade de situações que surgiram ao passo da Praça da Liberdade, uma das três praças que recebem sinal do serviço de internet grátis. As outras duas são: Praça Benedito Azêdo e Praça dos Bois, mantidos o acesso pela prefeitura de Parintins, ao qual também foi conhecida por ser a primeira Cidade Digital⁴ da Amazônia, por ter sido uma das pioneiras no Amazonas a participar do programa Cidade Digital (projeto do Governo Federal), em 2007, ou seja nos chamados projetos-piloto, que contemplou também experiências em Belo Horizonte (MG), Tiradentes (MG), Barbacena (MG), Ouro Preto (MG), Piraí (RJ), Rio das Flores (RJ), Tauá (CE), Aparecida do Norte (SP), Garanhuns e Caetés (PE), Santa Cecília do Pavão (PR), Silves (AM) e Barreirinhas (MA), com investimento direto ou apoio institucional do Ministério das Comunicações. Com relação ao conceito sobre o que seria Cidades Digitais, segundo SILVA (2000), podem ser

⁴ Projeto do Governo Federal que vem se esforçando para reduzir o percentual de brasileiros que sofrem com os problemas das exclusões social e digital através de incentivos e investimentos em vários programas de alcance diferenciado. Uma cidade digital (CD) é um sistema de pessoas e instituições conectadas por uma infraestrutura de comunicação digital (a Internet) que tem como referência comum uma cidade real. As Cidades Digitais são erguidas com o intuito de atender às comunidades reais, oferecendo serviços de acordo com as necessidades da população e, eventualmente, promovendo as inclusões social e digital.

caracterizadas em cinco tipologias de Cidades Digitais, quais sejam:

1) *Cidades Digitais Governamentais de Iniciativas do Governo Local ou Regional* – são aquelas cidades em que o governo costuma ser o grande provedor de serviços, utilizando da tecnologia da informação na administração pública para prestação de serviços online, facilitando os cidadãos na desburocratização, transparência das funções governamentais.

Há diferenciação nos tipos de serviços dependendo do município, estado ou país.

2) *Cidades Digitais Não Governamentais* – as comunidades digitais para ter acesso precisam preencher um cadastro e obter uma senha e o tipo de serviço oferecido para frequentar a cidade pode ser cobrado ou gratuito. Os serviços podem ser a promoção de lazers digitais, encontros virtuais em chats, permitir acesso a várias revistas de grande circulação, enciclopédias, classificados digitais, informações turísticas, informações locais, dentre outras.

3) *Cidades Digitais de Iniciativas do Terceiro Setor* – formadas por grupos sociais diferenciados como Organizações Não-Governamentais, Fundações e Associações com apoio de empresariado e que não visam lucros. Abordam a inclusão digital e social, e geralmente são temáticas.

4) *Iniciativas Espontâneas e Individuais* – são aquelas cidades que se caracterizam pelo ingresso espontâneo da comunidade digital local. Indivíduos ou grupos sociais são os responsáveis pela sua arquitetura e a forma de organização está vinculada a sites locais, pessoais ou não, as salas de bate-papo do mesmo nome da cidade real, da frequência em endereços eletrônicos que divulgam as notícias locais e eventos.

5) *Cidades Digitais de Iniciativas Mistas* - são aquelas cidades que através da parceria público, privado e terceiro setor em seus projetos priorizam a inclusão digital e social, ou de serviços (SILVA, 2000 p. 101).

No caso, o comportamento do projeto-piloto se encaixa na primeira premissa de Silva (2000) ao estabelecer como ação do Governo Federal. Outro autor que desenvolve o conceito é Lemos (2007, p. 9) cuja afirmação diz que “o termo *Cibercidade* (cibercity, digital city, digital village, cyborgcity, village virtual, telecity...) abrange quatro tipos de experiências que relacionam cidades e novas tecnologias de comunicação e informação”. Sendo assim, quatro experiências citadas pelo próprio autor que possui protagonismo na abordagem cidade e processo digital. Na primeira dessas, a cibercidade é apresentada como “projetos governamentais, privados e ou da sociedade civil que visam a criar uma representação na Web de uma determinada cidade” (LEMOS, 2007, p.9). Ao qual, o modelo executado em Parintins se encaixa.

Por isso, o Governo Federal na época, implantou por intermédio da Embratel, o sistema redefull wireless para atender ao menos parte da cidade. Segundo o projeto, Parintins era um perfeito exemplo de cidade rural, em uma localização “área extremamente remota”, tendo dificuldade para instalação de redes de telecomunicações e sistema de transporte. O projeto visava criar uma representação na web, criando interfaces entre o espaço eletrônico e o espaço físico, através de oferecimento áreas de acesso à internet. Uma infraestrutura voltada para o atendimento de órgãos essenciais da administração e dos

projetos de inclusão digital e social do governo. O principal objetivo era fortalecer essas ações e melhorar a prestação de serviços públicos de saúde, educação e segurança. As tecnologias wireless permitiram a realização de teleconferências, telemedicina, teleaulas e mesmo televigilância. O projeto não levava sinal de internet gratuita às residências. A população poderia ter acesso gratuito em espaços abertos, por isso chamados “praças digitais”.

A Praça da Liberdade, escolhida para pesquisa, não foi contemplada com o primeiro projeto. Somente após seu término e com definição da prefeitura de continuar com acesso gratuito que foi inserida este serviço. Ela está localizada no centro da cidade, ao lado da primeira igreja Batista de Parintins, próxima a Câmara Municipal, o Conjunto Macurany (bairro) e o bumbódromo. A praça escolhida pelo projeto em 2007, era chamada Praça Digital, hoje encontra-se interditada devido o fenômeno das terras caídas que corroeu boa parte da estrutura situada próxima ao Rio Amazonas.

Como vimos em capítulos anteriores, o desenvolvimento e a popularização da internet têm favorecido os processos sócio-comunicacionais e as estratégias comportamentais usadas pelas pessoas por meio de várias plataformas online de interação social.

6.2 Procedimentos para coleta de Dados.

Após extensa leitura de material sobre metodologia da pesquisa, o estudo de caso foi avaliado como apropriado visto todas as mudanças feitas após a qualificação. Assim, o delineamento da pesquisa passou a ser a praça enquanto espaço que abriga uma reconfiguração a partir do acesso a internet gratuita.

Nesse sentido, o método de estudo de caso foi visto como modalidade apropriada para pesquisa. Devendo salientar que apesar da maioria dos estudos demonstrarem um certo princípio de fechamento, Duarte (2009), afirma que [...] tal como os experimentos, os estudos de caso são generalizáveis a proposições teóricas e não a populações ou universos (na realidade, fatos científicos raramente são baseados em experimentos únicos). “o estudo de caso, como o experimento, não representa uma ‘amostragem’, e o objetivo do pesquisador é expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística)” (YIN, 2001, p. 29). Percebemos que essa premissa encaixaria com os anseios da epistemologia dos Ecossistemas Comunicacionais, logo viável para dissertação.

Assim, Lipset, Trow e Coleman reforçam que (apud YIN, 2001, p. 29) a finalidade é

Universitários				X	X	X			
Ambulantes									X
Alunos (ensino médio)	X		X		X				
Morador do bairro Macurani			X			X			X

Percebeu-se que a utilização do smartphone era de maior intensidade, visto que o dispositivo móvel de valor mais baixo. E os aplicativos de conversação responsáveis para permanência dos usuários. Utilizando o método de memória de autor, os usuários que permaneciam na praça em média passavam uma hora, utilizando o serviço. Até porque havia oscilação grande no sinal de disponibilidade da internet, como também, no clima. Notou-se que em dias de chuva, até aquelas mais fracas, o serviço ficava inviável.

Nesse contexto, esta possibilidade de explorar o ciberespaço trouxe novos ambientes sociais que possibilitam experimentar, ao mesmo tempo, vivenciar o mundo off-line e/ou mundo online, o que aguça as relações dos sistemas que podem se mostrar em complementaridade, concorrência e antagonismo. Portanto, não se consideraram válidas questões como nível de qualidade do acesso ou o tipo de aparelho digital móvel. Tampouco, a leitura do discurso, consumo de conteúdos em acesso online. A intenção, isso sim, observar e entender como esse espaço de acesso (praça) interferem e são visto nas relações sociais através dos seus sistemas que compõem um ecossistema comunicacional.

Nesse movimento, levando em consideração o que é complemento estrutural, nas palavras de Maturana (2001, p.185) seria uma “dinâmica histórica de mudanças estruturais coerentes do organismo e do meio, bem como sua condição de congruência dinâmica estrutural”. Assim, podemos reconhecer que a configuração da praça enquanto espaço de lazer, desde a década de 70 em sua criação possuía entre seus sistemas e condições: espaço de lazer, recreação e ponto de encontro presencial. A Praça da Liberdade, encontra-se até os dias atuais arborizada, com seus bancos bem definidos, com esculturas representativas ribeirinhas em seu centro e conhecida pelo ponto de espera de alunos, por ficar próxima a Escola Estadual Senador João Bosco. Apesar de no decorrer da pesquisa, notarmos um abandono maior por parte da prefeitura.



Figura 2. Foto do Alto da Praça da Liberdade, evento Natal.
Fonte/Foto: Luiz Outen, fotógrafo parintinense, dezembro de 2015.

Mas, com relação ao acesso gratuito de internet através da pesquisa, nota-se que a praça presentifica os sistemas biológicos (comunitários), tecnológico (mídias digitais) e sociocultural (o entrelaçamento dos comunitários por meio da mídia). Conseguimos reconhecer o ecossistema comunicacional em movimento: biológico, interdependente e vivo. Friso, por exemplo o grupo de rock que frequenta a praça. Participava no ato físico de agrupar seus pares, postar seu vídeo do acontecimento, bem como, conversar de forma informal sobre onde iria chegar tal postagem do momento. A praça era viva, estava participando da ação em letras e versos. A comunidade percebia que era recorrente esse grupo no espaço. A divisão dos sistemas em três, foi posta por assimilar que todas atividades existentes se agrupavam nesses nichos.

Outra observação foi acerca do não domínio dos usuários perante os mecanismos de interconexão, o que aparentava dificuldade em acesso via Wi-fi. Os usuários perdiam muito tempo para encontrar o mecanismo da rede em seus celulares. A pesquisadora por diversas vezes foi questionada sobre a rede em utilização e auxílio para entrada.

Verificamos na observação do cotidiano da Praça da Liberdade que reapropria para organização era latente. Friso aqui o acesso à internet para visualizar contas de matrículas da faculdade, estímulo a criação de fórum em redes sociais, ou grupo em sistemas de

conversação com contorno aos movimentos sociais.

Assim sendo, como são dois ou mais organismo que passam a interagir recorrentemente gera-se, segundo Maturana e Varela (1995), um acoplamento social. Esses organismos então se envolvem reciprocamente na criação de si mesmo – ou, em outras palavras, nas respectivas autopoieses.

Dentre esse processo de autopoieses, percebeu-se na utilização da praça como transmissora do conteúdo de rádios online. Onde grupo de jovens utilizaram o sinal para acessar seus programas online e fazer entrevistas. A praça enquanto espaço virtual e repetidora de rádio. A forma de observar esse fenômeno cotidiano vai delinear-se pela concepção ecossistêmica comunicativa a partir do pensamento complexo de Morin (2012), onde podemos vislumbrar com seus três operadores: o dialógico que religa os saberes, a recursividade que expõe que a causa age sobre o efeito e o efeito sobre a causa, em uma espécie de aquecimento, hologramático, cuja articulação se faz entre a parte e o todo, local e global. Nessa relação teoria e prática, chegamos ao modelo de praça no caso Praça da liberdade, onde o ecossistema foi posto em análise, dessa feita no próximo capítulo apresentaremos o fenômeno em movimento.

6.3 A ECOCIBERPRAÇA: O ESPIRAL ECOSSISTEMA COMUNICACIONAL

De acordo, com Morin (2004) as práticas sociais reconfiguram-se com a emergência das novas tecnologias de comunicação e das redes telemáticas. A identidade da raça humana funda-se no entrelaçamento do indivíduo- sociedade- espécie. Esse mecanismo de junção dessas ações formam um circuito que interagem, dão condições, mas também se repudiam. Logo, temos um circuito de antagonismo e complementariedade. O campo de pesquisa para essa dissertação, Praça da Liberdade, favoreceu a visualização dos conceitos de ecossistemas comunicacionais, a partir, - primeiramente-, da indissociabilidade entre o homem e a natureza. Castells (1999), estão, pouco a pouco modificando as cidades contemporâneas e transformando-as em um ambiente generalizado de acesso e controle da informação por redes telemáticas sem fio, criando zonas de conexão permanente, ubíquas, os territórios informacionais.

Como podemos relatar, a Praça que prima pela alcunha de inovadora passar ser a mesma praça Ágora dos primeiros conceitos em dias de chuva. O ambiente que é comunitário permeia-se de espera à passagem dos fenômenos climáticos, o aspecto físico de utilização é mais pujante e o sinal de internet deixado de lado pela falta de acesso. Ademais, a mesma

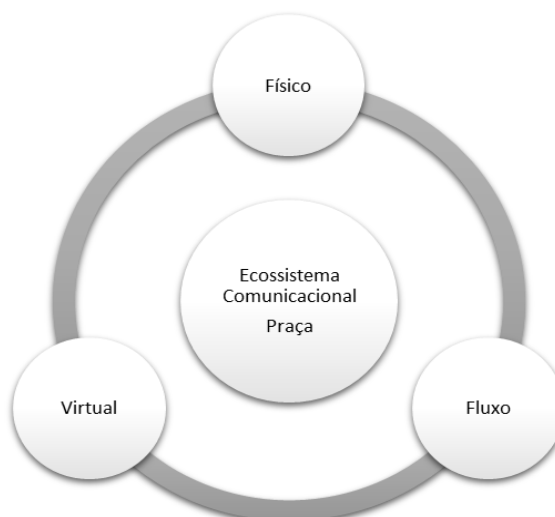
praça dias depois passa ter um público conectado visualmente com dispositivo móvel, onde observa-se os usuários sem interação física, sem falas, somente risos, de pessoas sentadas nos bancos com seus celulares a mão. É recorrente esse processo, a praça é física, mas também é fluxo de comunicação, estabelece redes de processos, como também é virtual. Está em check-in dos usuários, no território do ciberespaço.

Assim nos dizeres de Capra (2016), acontecem em níveis diferenciados e conferem versatilidade à teia de processos comunicativos, os elos são reconfigurações, grupos que garante a unicidade dos sistemas, que vão se renovando ganhando outras características. Percebemos que o grupo de movimentos sociais, também está no grupo de rockeiros, como também dos acadêmicos que estão utilizando a rede para pesquisa. A praça altera conforme a utilização do grupo e também, dependente do suporte que utiliza.

À medida que o grupo de caminhada/corrida fazia seus exercícios, os aplicativos de exercício físico estavam em conexão. Era fácil visualizar ao final, a necessidade de fotos para presentificar o momento.

Todos os sistemas vivos são redes de componentes menores, e a teia da vida como um todo é uma estrutura que muitas camadas de sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos- rede dentro de rede. Organismos são agregadores de células autônomas, porém estreitamente acopladas; populações são redes de organismos autônomos pertencentes a uma única espécie; e ecossistemas são teias de organismo, tanto de uma só célula quanto multicelulares, pertencentes a muitas espécies diferentes (CAPRA, 2016, P.170)

Quando vemos o ecossistema comunicacional, passamos a perceber que, segundo Colferai (2014), é diferente de pensar a aplicação, trata-se de buscar multiplicidades e acoplamentos que se desenham de tantas diferentes formas como diversas são as configurações possíveis para a pesquisa e pesquisador que se valem do Ecossistema Comunicacional. Com relação a Praça da Liberdade, o pensamento da pesquisadora é concebido um espiral onde encontra-se o biológico, tecnológico e sócio-cultural, em sistemas que juntos compõem o ecossistema comunicativo, que vai e volta como um redemoinho.



*Figura 3. Esquema do Ecosistema Comunicacional, Praça da Liberdade.
Fonte: Suzan Monteverde, 2016.*

Afinal, o fenômeno ele sobe e desce, o movimento é constante, produzem correntes circulares, e algumas podem provocar pressão para baixo, até mesmo um turbilhão, por sua interdependência de movimento. Ou seja, ela pode ser operada de forma recursiva, dependendo do local em formação, pode ligar-se em outros, é ambiente e também, fenômeno. O desenho do espiral, confere a articulação, o redemoinho precisa do ambiente e modifica-se dependendo do movimento, da pressão e da superfície.



*Figura 4. O Ecosistema Comunicacional em movimento, a Ecociberpraça.
Fonte: Suzan Monteverde, 2016.*

Logo, a Praça da Liberdade enquanto estudo de caso, pode ser uma Ecociberpraça, por ser um modelo de praça contemporânea em que a experiência de infraestrutura de acesso a internet na Amazônia, funciona em área urbana dependendo das intempéries do ambiente, cujo objetivo é disponibilizar o acesso ao ciberespaço, oferecendo um serviço de tecnologia sem fio. Criando um eco, entre o físico, fluxo e o virtual. Por isso, precisa de energia (movimento) para manter sua prática. Ela reage dependendo do grupo, que desenvolve sua autonomia dependendo da cultura (a necessidade de utilização), ao qual se desenvolve dependendo do meio (por exemplo: o clima). Ao passo que a reconfiguração da praça é antagônica, ao mesmo tempo, complementar.

As mídias digitais promovem o acesso ao ciberespaço, ao qual promove a cibercultura, afim de potencializar as interações, as trocas, as situações comunitárias e imaginárias da vida social, ao em vez de inibi-las. Há uma multiplicidade que se cruzam em várias dimensões. A postura do complexo, regenera uma simplicidade e objetividade, que não deixa de ver a forma disciplina (separada), mas reconhece que o conhecimento pode estar integrado. Uma vez compreendidos os traços marcantes da comunicação, sobretudo, via telefone celular, bem como algumas implicações nas relações tempo-espaço-lugar, como vimos na praça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os passos percorridos pelo caminho desta pesquisa culminaram na discussão sobre a praça pública e como estão as transformações, por meio da reflexão sobre o acesso gratuito de internet na Amazônia, a partir da praça com conexão Wi-Fi livre. Baseou-se na noção de praça que podemos objetivar seus entrelaços com ecossistemas comunicacionais, com auxílio do ponto de vista dos territórios informacionais, a fim de estudar os sistemas envolvidos em uma reconfiguração de ambiente público.

Para uma visão mais ampla do objeto estudado, foi necessário compreender o ponto de vista epistemológico do conceito em construção, chamado Ecossistemas Comunicacionais, fruto da inquietação dos pesquisadores do PPGCCOM- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, a partir do pensamento complexo para olhar o fenômeno, o qual já pode ser constatadas nos estudos de Monteiro e Colferai (2011), Colferai (2014), Monteiro (2011), Pereira (2011) e Pereira e Freitas (2013). Monteiro e Pereira estão entre os pioneiros na formulação da área de concentração e na realização de pesquisas nessa nova área de concentração dos estudos da comunicação. Dessa maneira, foi possível caminhar pela história da praça, a influência da internet nas relações cotidianas, levando em consideração a autoprodução, novos componentes do cotidiano, a cibercultura e as mudanças ocorridas no ambiente por meio do uso das tecnologias, suas interações e experiências de acesso.

Pode-se experimentar novas formas de complementar os conceitos, deduzir falas antes separadas, em discussão próximas, que revelaram forças e tendências escondidas na sociedade. No geral, as tendências dos Ecossistemas Comunicacionais contribuem com os estudos da comunicação nas suas abordagens lineares e não lineares, - verifica-se que no caso dos últimos-, tornando-os mais abertos e flexíveis às mudanças socioculturais e suas tecnologias. O acesso gratuito de internet da praça permite que possibilidades antes impensáveis sejam reconsideradas, que os espaços antes apreciados de uma forma possam fazer surgir novas possibilidades. Daí a necessidade de permitir mais espaços para multiplicar essa experiência, com estrutura mais adequadas, ao invés do superficial (aspecto negativo) decorrente da implantação sem manutenção.

Assim, com a análise empreendida no capítulo anterior, podemos considerar os ecossistemas comunicacionais, como: biológico, tecnológico e sócio-cultural, caracterizados por aqueles interagentes que permitiram sentido na relação internet e praça pública. Afinal, identificou-se o espiral do movimento comunicativo que move as relações.

Ademais, no espaço analisado esteve presente o acoplamento social, a partir da

autoprodução de novas utilizações, atribuídas aos novos sentidos estabelecidos. O fenômeno visto exerceu um poder sobre as pessoas e as pessoas sobre o fenômeno. A comunicação pôde ser reprogramada dependendo da demanda, ou seja, o sistema existente possui estruturas que podem ser questionadas, ludibriadas, ao prazer da rede, seja ela local ou em interconexão com mundo, pois a ligação com ciberespaço existe. Isso torna possível novas formas de produção, consumo e gerenciamento. Todavia, essa experiência necessitava de sinal que indicasse melhor eficiência, pois com os fenômenos climáticos em variação na Amazônia essa postura de essencialidade no cotidiano perdia sentido. Isso mostra que o serviço oferecido tinha como conduta a possibilidade e não a qualidade.

Para tanto, foi necessário avaliar que nas condições atuais a materialidade da ação nutria o ciberespaço como lugar de interlocução nos processos de comunicação. A sociedade com essa possibilidade de fluxo caminha seus anseios e as reconfigurações que produzem novos sentidos. A praça pública com acesso à internet passa ser a praça local e global, assume a cibercultura na interrelação. Nossa análise ainda é o começo na pretensão de dar significância da utilização da internet na Amazônia, até mesmo no traço dos telefones celulares, smartphones, como principal suporte de utilização. Mas, há de se considerar que é o esforço de uma pesquisadora em permitir que a fase do cotidiano em mudança seja alvo de visualidades.

Outra questão são os mecanismos capazes de categorizar os ecossistemas comunicativos. Será que uma metodologia em formato de passos desviaria o potencial da ousadia do conceito? Percebemos que os ecossistemas comunicacionais permitem unir dinâmicas processuais vistos separadamente. Para avançar é preciso questionar a organização de sua forma em um instrumento capaz de evidenciar sua versatilidade. Essas questões ficarão em aberto. Serão analisadas em estudos futuros, por perceber que o esquema garantiria uma unicidade e renovação da compreensão. Por isso o ecossistema aqui concebido encara a ousadia de estabelecer em espiral, domando forças da observação.

A análise do processo de comunicação demonstrou que estudar Ecossistemas Comunicacionais modifica a ato de pensar na vida, na sua existência e representação de suas estruturas. O todo que é parte e parte que também é todo, representa os sistemas envolvidos que estão em ligação. Isso altera a forma de ver a vida, compreender o mundo e sua postura com as demais ciências.

Finalizar essa pesquisa e ser pesquisadora na/da Amazônia, pode-se perceber que embora a Amazônia esteja sufocada e ameaçada pelo seu potencial de riquezas e importância para o planeta, o discurso que fazem dela seja de isolamento. Faz-se necessário relatar que

nunca esteve, ainda mais com acesso à internet, suas populações: caboclas, ribeirinhas, coletora de produtos florestais e indígenas se articulam com outras sociedades em diversos níveis: locais, regionais, nacionais e globais, para reivindicar seus direitos e para afirmar seu preceito étnico e cultural. Dessa forma, (MORIN, 2002), entende que como no passado, as visões de mundo dos povos continuam se entrecruzando na noosfera e, assim, produzem os mais variados fenômenos culturais. O processo comunicacional e seus avanços potencializam os movimentos. É possível dizer que as tecnologias eletrônicas e as mídias digitais criam novas formas de entendimento e espaços de socialidades entre os povos. Há de se refletir que assim com o objeto visto na pesquisa, ele se realiza com tensão recursiva, também, entre a natureza e as culturas locais e globais

Aparentemente, os usuários do serviço de internet da Praça da Liberdade estão dispersos, em relação ao fluxo de possibilidades, mas em relação ao eco e a praça, está em um todo organizado que se estabelece e é tratado de maneira viva, com alterações, simbologias e formas diferenciadas. A ecociberpraça, é praça possível na relação, Amazônia-ciberespaço-mundo, não que em outro local não possa haver o questionamento, é que aqui o ambiente produz novas demandas e anseios. Não é deixado de lado, é real e também imaginado, é virtual e também é físico, é fluxo e também em constante variação. Por fim, para avigorar o objetivo dessa pesquisa, a praça pública parintinense possibilitou uma abordagem contextualizada da comunicação, afinal não excluiu o ambiente, nem tampouco a mensagem, não tratou apenas da parte, esforçou-se para analisar o todo, tratando como desafio, de religar a comunicação ao ser humano e com sua própria complexidade.

REFERÊNCIAS

- AURIGI, Alessandro. *Making the Digital city: the early shaping of urban. Internet space*. Hampshire: Ashgate, 2005.
- BAPTISTA, Maria Luzia Cardinale. *Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação*. Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, jul-set, 2014.
- BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria geral dos sistemas*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da Vida: uma nova compreensão científica dos seres vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CAPRA, Fritjof. *Vivendo Redes*. In: Duarte, Fábio; Quandt, Carlos; Souza, Queila. *O Tempo das Redes*. Editora Perspectiva, 2008.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COLFERAI, Sandro Adalberto. *Um jeito amazônida de ser mundo – a Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região*. Tese (Doutorado), UFAM, 2014.
- COMITÊ GESTOR DE INTERNET. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil 2012*. Parintins, 2014. Disponível em: <<http://www.cetic.br>> Acesso em: 15 jan. 2014.
- COMITÊ GESTOR DE INTERNET. *TIC Domicílios e Usuários, 2012*. Parintins, 2014. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-domicilios-2012.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2014.
- DANTAS, Jane ; Monteiro, Gilson. *Ecossistemas comunicacionais: uma visão prática*. In: G. Monteiro, M. E. de O. P. Abudd, M. Feitoza (ORGs), *Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação*. Manaus: UFAM, 2012.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa Participante - Saber pensar e intervir juntos*. Brasília: Liber Livro, 2004.
- DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. *Estudo de Caso*. In: Duarte, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2009.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- HOLANDA, Giovanni; DALL'ANTONIA, Juliano; SOUTO, Átila. *Cidades Digitais: a urbanização virtual*. In: SOUTO, Átila; DALL'ANTONIA, Juliano C.; HOLANDA, Giovanni M. de. *As cidades digitais no mapa do Brasil: uma rota para a inclusão social*. Brasília, DF: Ministério das Comunicações, 2006. 128p.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LAENA, Anielly Azevedo Dias. *O caráter ecossistêmico das histórias em quadrinhos*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012.

LEMOS, André. *Cidades Inteligentes*. In: GV Executivo, volume 12, número 2, julho/dezembro 2013. São Paulo: FGV-EAESP, pp. 46-49, ISSN – 1806-8979.

LEMOS, André; JOSGRILBERG, F. *Comunicação e Mobilidade. Aspectos Socioculturais das Tecnologias Móveis no Brasil*. Salvador: Edufba, 2009.

LEMOS, André (Org.) *Cibercidade: as cidades na cibercultura*. Rio de Janeiro: E-Papers. Editoriais, 2004.

LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org.) *Comunicação e Mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. - Salvador: EDUFBA, 2009.

LEMOS, André. *Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade*. In *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 2 n. 2 jul./dez. 2010, pp. p.155-166.

LEMOS, André. *Cibercidades: um modelo coletivo de inteligência coletiva*. In: Lemos, Lemos, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEMOS, André. *Mídia Locativa e Território Informacional*. In: *Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir*, organizado por Priscila Arantes e Lúcia Santaella. São Paulo: EDUC/SP, 2008.

LEMOS, André; PASTOR, Leonardo; OLIVEIRA, Nelson. *Wi-Fi, Salvador: mapeamento colaborativo e redes sem fio no Brasil*. Intercom, *Revista Brasileira Ciência Comun.* [online]. 2012, vol.35, n.1, pp. 183-204. ISSN 1809-5844.

LÉVY, Pierre. 1999. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola.

_____. 1993. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.

_____. 1999 B. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.

LÉVY, P. *O que é virtual?* 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Manolita Correia. *Monografia: A engenharia da produção acadêmica*. São Paulo: Saraiva, 2013.

LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. *Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções*. *Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais*, v. 1 n. 1, p. 125-139, jan/jun. 2005.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *Árvore do conhecimento. As bases biológicas do entendimento humano. Trad. Jonas Pereira dos Santos, Campinas, Psy II, 1995.*

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.* Silva, Marco. *Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.*

MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza (orgs.). *Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação. Manaus-AM: Edua, 2011.*

MONTEIRO, Gilson Vieira; COLFERAI, Sandro Adalberto. *Por uma pesquisa amazônica em comunicação: provocações para novos olhares. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; LIMA, Regina Lúcia Alves de; AMARAL FILHO, Otacílio (orgs.). Comunicação Midiatizada na e da Amazônia. Belém-PA: Fadesp, 2011. p. 33-48.*

MORAIS, Philippi Sedir Grilo de; SILVA Giancarlo Lima da; FERREIRA Herly Marley Santos; VALENTIM, Ricardo Alexsandro de Medeiros; ARAÚJO, Bruno Gomes de. *Utilização de dispositivos móveis na educação a distância. Disponível em: <www.sigaa.ufrn.br/sigaa/verProducao?idProducao=595062&key> Acessado em: 12 jan. 2015.*

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Inst. Piaget. (1991).*

MORIN, Edgar. *O Método I: a natureza da natureza. 2ª ed. Tradução: M. G. de Bragança. Portugal, Europa – América, 1977.*

MORIN, Edgar. *O método 2 – A vida da vida. Trad.: Marina Lobo. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.*

MORIN, Edgar. *O método 4: As ideias: habitah, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2002.*

NOGUEIRA, Wilson de Souza. *Boi-bumbá de Parintins: uma abordagem comunicacional ecossistêmica do imaginário amazônico no espetáculo midiático. II Congresso do CRI2i. Porto Alegre, 2015.*

OLIVEIRA, Clara Costa. *Bateson e Bateson: da aprendizagem biológica à aprendizagem ao longo da vida. In Actas do II Congresso Galaico- Português, 1996.*

OLIVEIRA, Daniela. *MCTI apoiará projetos de infraestrutura para Cidades Digitais. Disponível em: <http://www.guiadascidadesdigitais.com.br/site/pagina/mcti-apoiar-projetos-de-infraestrutura-para-cidades-digitais > Acessado em: 28 dez.2015.*

PEREIRA, Mirna Feitoza; FREITAS, Susy Elaine da Costa. *Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais. In: SEIXAS, Nelita Silva dos Anjos; COSTA, Alda Cristina; COSTA, Luciana Miranda. Comunicação: visualidade e diversidades na Amazônia. Belém: Fadesp, 2013.*

PEREIRA, Mirna Feitoza. *Ecologia da Comunicação: uma compreensão semiótica. In:*

Encontro da Compós, 17. *Anais eletrônico...*São Paulo: UNIP, 2008. Disponível em: <http://compos.org.br/data/biblioteca_352.pdf> Acesso em: 28 set. 2009.

PEREIRA, Mirna Feitoza. *Ecossistemas comunicacionais: uma definição conceitual*. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; LIMA, Regina Lúcia Alves de; AMARAL FILHO, Otacílio. *Comunicação midiaticizada na e da Amazônia*. Belém: Fadesp, 2011, v. 2.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre 2. Edição: Sulina, 2008.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet*. Trabalho apresentado no XXVII INTERCOM, na PUC/RS em Porto Alegre. Setembro de 2004.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo. Editora Estação Liberdade, 1989.

RÜDIGER, Francisco. *A teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: 2 edição, Sulinas, 2013.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Um Discurso Sobre as Ciências*, Edições Afrontamento, 15ª. Edição, Porto, 2006.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. (Org.). *Cidadania e redes digitais: Citizenship and digital networks*. – 1a ed. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade. A forma social negro-brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1988.

WELLMAN, Barry; QUAN-HAASE, Anabel; BOASE, Jeffrey; CHEN, Wenhong; HAMPTON, Keith; DIAZ, Isla; MIYATA, Kakuto. *The Social Affordances of Internet for Networked Individualism*. In: *Journal of computer Mediated Communication*, V. 8 Issue 3, (2003). Disponível em <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol8/issue3/wellman.html>> Acesso em: 10 out.2015.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço de Dante à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.